Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Geografia da USP

"GLOBALIZAÇÃO, MERCANTILIZAÇÃO E GEOPOLÍTICA DO FUTEBOL"

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INDIVIDUAL II

Paulo Miranda Favero – nº USP 1545257

Orientador: Prof. Dr. André Roberto Martin

São Paulo – 2006

SÚMULA

O TIME E A TORCIDA..... 2

TREINAMENTO..... 4

PRELEÇÃO 7

1º TEMPO 9

INTERVALO..... 15

2º TEMPO 40

PRORROGAÇÃO 47

GOL..... 55

LISTA DE CONVOCADOS..... 59

O TIME E A TORCIDA

Um bom time tem muito mais que 11 titulares. E minha seleção começa com a minha Carol no gol. Ela teve toda a paciência do mundo em esperar sua equipe entrar em campo, teve palavras de apoio na hora certa, cobrou com rigor quando era preciso, mas sempre soube lá no fundo que nenhuma bola entraria em seu gol. Seus conselhos, correções e sugestões deram cara a um trabalho que parecia sem sentido. Se a vitória não for conseguida, pelo menos ela garantiu o empate com amor, carinho e dedicação.

Na lateral direita está ele, André Baldraia, que consegue fazer 500 atividades ao mesmo tempo e ainda ter tempo de comentar meu TGI. Ajudou, e muito. Com velocidade de raciocínio e fôlego de um gênio, deu importantes toques e sempre me fez permanecer dentro da Geografia – e para quem discute o futebol, é muito fácil se perder pelos apaixonantes caminhos da bola e fugir da teoria. Mas ele estava lá, sempre pronto para defender e atacar.

Na zaga estão alguns craques da bola e jovens talentos. Alê, Léa e Felipe formam um belo trio, que passa segurança mesmo quando não falam nada. Incentivam o time, sorriem com o assunto e estão sempre atentos para qualquer desvio ou vacilo da equipe. Possuem o estilo clássico, sabem sair jogando e nunca deixam ninguém na mão. É bom poder contar com eles.

Na lateral esquerda está a pequena Renata, carioca, falante e inteligente. Joga com sabedoria e displicência, pois muitas vezes está de braços cruzados em campo. Mas enxerga o jogo como um todo. Não pensa duas vezes em dar bronca no comandante da equipe e exige seriedade de todos até no treinamento. E todos sabem que ela tem razão.

O meio-campo é formado por jogadores de todos os estilos. Na cabeça-de-área estão os irmãos Júnior e Kaká. Travamos muitas conversas e eles sempre aparecem com novas fontes de informação para ajudar o time. São dois atletas de peso no elenco, habilidosos e versáteis, podendo jogar também no ataque. A polivalência deles faz com que várias áreas do pensamento sejam contempladas. O único problema dos dois é ter um outro time do coração...

Ainda no meio, com charme e criatividade, estão Maíra, Camila e Joana. A primeira raramente toma cartões e joga limpo. Já Camila e Joana são mais

esquentadas e muitas vezes vão para o chuveiro mais cedo. Mas todas sabem o que fazer com a bola nos pés. Joana é a mais habilidosa nos gramados. Camila tem uma visão ampla, ajuda a fazer mapas e é sempre uma das primeiras a se manifestar. Já Maíra sabe como ninguém a dificuldade de enfrentar esse adversário chamado TGI.

No ataque, o quarteto mágico formado por Cacá, Danilo, Mauricio e Joselito. Eles podem não saber, mas também ajudaram muito a equipe, mesmo não sendo os únicos do time que fazem gol. Os quatro sabem dividir a responsabilidade com todos os outros atletas, mas sempre exigiram que a equipe jogasse no ataque, com bastante autonomia. Muitas dicas destes quatro atletas que vieram do Santos, Corinthians (2) e Vasco (infelizmente).

Eu tentei ser o técnico deste time de estrelas. A maior dificuldade foi conseguir colocar a equipe em campo, mas depois que pisaram no gramado, a partida pareceu até mais fácil do que se imaginava. Queria agradecer também a outras pessoas da comissão técnica, que tiveram um papel fundamental na preparação do time, tão importante quanto dos jogadores. Os professores André Roberto Martin, Gilmar Mascarenhas de Jesus, Flávio de Campos, Hilário Franco Júnior, Ruy Moreira, William Rosa Alves, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Amélia Luísa Damiani, Paulo Roberto Teixeira de Godoy, Élvio Rodrigues Martins, Sônia Maria Vanzella Castellar, Alfredo Pereira de Queiroz Filho e Odette Carvalho de Lima Seabra. Mesmo sem saber, eles ajudaram o time a entrar em campo, alguns mais que outros.

E gostaria de agradecer à enorme torcida e a muitos outros que deixei por algum motivo de lembrar. Muitas vezes, é a torcida que faz o espetáculo, com suas coreografias e músicas. E essa resistência é importante para frear a ânsia do capital, que transforma os torcedores em consumidores. Pelo menos neste jogo, os torcedores sempre serão protagonistas.

TREINAMENTO

"Os anos se passaram, e com o tempo acabei assumindo a minha identidade: não passo de um mendigo do futebol. Ando pelo mundo de chapéu na mão, e nos estádios suplico: Uma linda jogada, pelo amor de Deus! E, quando acontece o bom futebol, agradeço o milagre sem me importar com o clube ou país que o oferece"

Eduardo Galeano

A idéia de fazer este trabalho surgiu da paixão pelo futebol (principalmente pelo São Paulo), esporte que sempre pratiquei e, mais ainda, assisti. Lembro-me de quando disputava as famosas peladas nas ruas da Praia Grande, com um gol feito com dois tijolos. A molecada corria descalça e cada gol era comemorado como um título. Já quando voltei a morar em São Paulo, o futebolzinho na quadra do prédio também era bastante disputado. Hoje a quadra já não existe mais, bem como a várzea em muitos lugares na cidade. Onde ficavam os campos de terra batida hoje estão as quadras de futebol society, onde os jovens da classe média pagam aluguel para jogar.

E quando percebi que o sonho de ser um jogador de futebol nunca seria realizado, comecei a estudar jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, me formei e entrei no projeto de um jornal de esporte. Acabei me tornando um repórter esportivo, desses que vão aos treinos diariamente, acompanham os jogos e respiram futebol. Ao mesmo tempo já cursava Geografia na Universidade de São Paulo, e passei a perceber que o futebol poderia ser visto também com o olhar de um geógrafo.

Durante o curso de graduação de Geografia na USP, fui amadurecendo a idéia de estudar o futebol com um foco geopolítico. Os anos em que trabalhei como repórter esportivo em jornais me ajudaram a entender o futebol de maneira mais profunda. A grande problemática era como geografizar tudo isso, até porque não existem muitos estudos de Geografia relativos a esse tema. E isso era algo que me inquietava: como um esporte tão popular, especialmente no Brasil, não tinha uma atenção especial dos geógrafos. Me deixava a

sensação de que era preciso fazer algo em relação a isso. Pensei então em me dedicar ao tema e a passar a estudar o futebol de forma científica.

O processo passou por enxergar o futebol com outros olhos, não de torcedor, mas de pesquisador. Houve muitas conversas com amigos e professores, sempre colocando o enfoque na questão geográfica, e dessas conversas muito pôde ser aproveitado. Até porque o futebol é um tema de que o brasileiro gosta e está acostumado a falar. A falta de bibliografia científica sobre o futebol era também um desafio para mim. Sabia que, ao mesmo tempo em que teria enormes dificuldades para fazer o trabalho por causa disso, esta pesquisa provocava minha inteligência e me colocava à prova. Resolvi seguir adiante.

Então passei a colecionar todo tipo de bibliografia sobre o futebol: livros de antropólogos, cientistas sociais, historiadores, jornalistas, escritores e amantes do futebol em geral. Em todo lugar a que ia procurava livros que poderiam me ajudar na pesquisa. Também tive de estudar a geopolítica mais a fundo, pois era por essa ótica que pretendia fazer o trabalho. Então, depois de leituras, conversas e orientações, pude começar a escrever um esboço do trabalho.

O mais curioso era que, ao mesmo tempo em que me aprofundava nos estudos, a literatura política ia dividindo espaço com as discussões econômicas. Não era preciso apenas conceituar geopolítica; era necessário abordar as questões sobre corporação multinacional, mercadoria, indústria cultural, teoria do espetáculo, entre outras. Comecei a encorpar o trabalho com gráficos e mapas (um amigo já dizia que não existe trabalho geográfico que não tenha mapa. Não concordo, mas resolvi que seria uma forma interessante de abordar alguns pontos).

Sei que o Trabalho de Graduação Individual em Geografia é resultado do processo de formação do estudante. Acho imprescindível que seja obrigatório, sendo necessário para que todos saibam fazer uma pesquisa. Minha demora em concretizá-lo deveu-se ao fato de ter tido uma formação falha, muito por culpa minha, mas também por outros fatores. De qualquer forma, fico feliz em ter finalizado uma etapa na minha vida, ainda mais com um trabalho que deu tanto prazer em fazer.

A pesquisa saiu na hora certa, num momento de amadurecimento geográfico que não tive antes. Aprendi sozinho a fazer mapa no computador, bati cabeça atrás de bibliografia, conversei com muitas pessoas – e sou eternamente grato por isso – e respirei futebol por alguns meses, uns de forma mais intensa que outros. Acredito que apenas dei o pontapé inicial para um jogo que terá seus 90 minutos de duração, com prorrogação e pênaltis. E quem sabe eu não consiga marcar um gol em breve, daqueles que fiz quando corria descalço atrás da bola.

PRELEÇÃO

Vai tudo bem
Pelo lado de cá
Pelo lado de cá
O que é que há
Não há água
Nem leite, nem pão.
Carne não se come
Faz baixar a pressão
O café vai de marcha-ré
Em compensação
O Brasil foi campeão

Marcha carnavalesca (1959) de Antônio Almeida e José Batista satirizando o governo Juscelino

É reconhecida a paixão dos brasileiros pelo futebol. O esporte planetário criou raízes no Brasil e transformou-se em um dos principais cartões de visitas do País, mesmo não tendo sido criado dentro de nossos limites, como lembra o professor de Antropologia Roberto Damatta:

> "De fato, essa relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como a mulata, o samba, a feijoada e a saudade, um produto brasileiro" (DAMATTA, 1994: 12).

Mas o futebol vem recebendo pouca atenção dos intelectuais. Pouquíssimos estudos científicos se arriscam a analisar o futebol, tanto no Brasil quanto no exterior, conforme constatou o escritor uruguaio Eduardo Galeano: "Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que provoca em muitos intelectuais" (GALEANO, 2002: 36). Ainda assim, no âmbito da ciência geográfica, há alguns estudos que analisam a relação entre espaço e futebol, como o trabalho de Gilmar Mascarenhas de Jesus, da UERJ - Maracanã. A intenção do

presente trabalho é propor uma abordagem geopolítica do tema, buscando elementos para conceituar uma geopolítica do futebol, relacionando-a com a globalização e mercantilização do esporte.

Todos conhecem o grande potencial do Brasil no futebol. A Seleção que já venceu cinco vezes a Copa do Mundo e foi vice-campeã em outras duas é a melhor, em um ranking elaborado pela Fifa (*Fédération Internationale de Football Association*). Mas, quando se leva em conta o futebol também como atividade econômica e não apenas esportiva, percebe-se que o Brasil não é realmente a maior potência mundial, ao contrário do que afirma Pascal Boniface: "*Le Brésil, c'est l'unique superpuissance de football, mais c'est une superpuissance dont tous les peuples souhaitent la domination*"[1] (2002: 139).

Na lógica de mercado, o Brasil não passa de um exportador de jogadores. Fato que é festejado todos os anos pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), sempre que o número de atletas que saem do país supera os números do ano anterior. E a entidade comemora mesmo que só consiga vender o produto futebol através da Seleção e nunca através dos campeonatos brasileiros, sejam eles nacionais, regionais ou locais.

O espetáculo (mais adiante abordaremos este conceito) do futebol transformou-se em uma indústria e, independentemente da habilidade dos jogadores dentro de campo, o poder econômico fala muito mais alto, e não há como fazer uma análise do futebol sem levar isso em conta. Essa indústria do espetáculo concentra o dinheiro, esmaga equipes pequenas e faz com que os bons jogadores migrem de um clube para o outro mesmo que não tenham nenhuma identificação com o time de destino. No decorrer da pesquisa esses pontos serão discutidos.

[1] "O Brasil é a única superpotência do futebol, mas é uma superpotência pela qual todos os povos desejariam ser dominados" (T.A.).

1º TEMPO

"Driblar é dar aos pés astúcias de mão"
João Cabral de Melo Neto

Nessa tentativa de análise do futebol a partir de uma perspectiva geográfica, é importante definir os dois temas principais deste trabalho: geopolítica e futebol. A começar pelo que se entende por futebol. De forma simplista, pode-se dizer que é um esporte jogado em um campo gramado com 11 jogadores de cada lado e o objetivo é mandar a bola, com qualquer parte do corpo excetuando-se os membros superiores, para dentro de uma baliza que mede 2,44 metros de altura por 7,32 metros de comprimento. E essa baliza, chamada de trave (ou gol, no popular), é protegida por um goleiro, o único entre os 11 jogadores que pode usar as mãos para defender sua meta. Existem apenas 17 regras para esse esporte, e um juiz e dois bandeirinhas se encarregam de fazer com que elas sejam seguidas dentro de campo. Os confrontos têm 90 minutos de duração, divididos em dois tempos iguais.

O Dicionário Aurélio (HOLANDA, 1988: 312) define:

> "**futebol**. [Do ingl. football.] S. m. 1. Cada um dos vários jogos esportivos disputados por dois times, com uma bola de couro, num campo com um gol (1) em cada uma das extremidades, e cujo objetivo é fazer entrar a bola dentro do gol defendido pelo adversário. 2. Modalidade de futebol (1) disputado entre duas equipes de 11 jogadores, num campo retangular, com o comprimento máximo de 120 m e mínimo de 90 m, e largura máxima de 90 m e mínima de 45 m, na qual é vedado aos jogadores, exceto o goleiro, tocar a bola com as mãos, e em que os pontos são marcados por gols. As equipes são geralmente distribuídas em goleiro, zagueiros, meios-campos e atacantes, dispostos de acordo com esquema tático."

Mas o futebol, hoje, não deve ser analisado somente como esporte. Ele extrapolou as fronteiras do dicionário e do senso comum, como constatou José Carlos Bruni (1994: 7):

> "Impossível não levar em conta, pelo menos neste momento [Copa de 94] e neste país [o Brasil], o imenso fenômeno denominado futebol. Sua definição estrita, como esporte que utiliza uma bola jogada com os pés, mal deixa entrever o universo de significações simbólicas, psíquicas, sociais, culturais, históricas, políticas e econômicas inesgotáveis que envolvem multidões (...) concentradas em torno de um espetáculo que empolga sociedades, nações, países, estados, em esfera planetária, mobilizando milhões de dólares e conquistando a adesão cada vez maior de pessoas de todas as camadas sociais".

Atualmente, o futebol faz parte de uma articulada indústria de entretenimento e espetáculo, que movimenta bilhões de dólares no mundo inteiro. O jogador é negociado como mercadoria e tem um preço ligado à sua imagem. Ele é um produto que traz rendimento para o clube que o contratou. Assim, o futebol perde parte de seu caráter exclusivo de esporte e torna-se também um produto esportivo, cultural, econômico e social, oferecido como artigo de consumo. E tende progressivamente a produto de luxo.

O cineasta Pier Paolo Pasolini vai além, e considera o futebol também como uma linguagem. Em artigo no *Il Giorno*, em 1971, ele diz que "o jogo de futebol também é um 'sistema de signos', ou seja, é uma língua, ainda que não verbal... O futebol tem todas as características fundamentais da linguagem por excelência". O italiano chegou a comparar o futebol brasileiro com a poesia, dizendo ainda que o futebol europeu é a prosa[2]. Assim, o futebol não pode ser analisado somente como um elemento do esporte.

Para atingir o status que tem hoje, o futebol passou por um complexo e amplo processo de difusão espacial. Gilmar Mascarenhas de Jesus explica esse fenômeno:

---

[2] Artigo publicado no caderno Mais! do jornal Folha de S. Paulo, em 6/5/2005.

> "O futebol, evidentemente, não desfruta do mesmo grau de prestígio e tradição em todas as regiões do planeta (...) A difusão espacial do futebol está intrinsecamente relacionada com o imperialismo inglês e sua vasta área de influência, o que permitiu ao futebol êxito muito superior a outras modalidades de esporte coletivo de grande apelo popular" (2001: 73).

Mascarenhas cita o imperialismo inglês[3] e sua influência mundial no final do século XIX e início do XX, e aí já estamos entrando na questão da geopolítica do futebol. Para se chegar a uma geopolítica do futebol, é preciso entender também o conceito de geopolítica. José William Vesentini, em seu livro *Imperialismo e Geopolítica Global* (1990), faz a seguinte definição:

> "É a política, interna e externa, dos Estados na sua dimensão espacial, como (re)arranjo dos elementos e níveis de espaço (distribuição populacional, meios de transportes, fronteiras, 'áreas de influência' externas, desenhos urbanísticos, cidades-capitais, etc.) com vistas ao exercício do poder".

A palavra Geopolítica surgiu pela primeira vez em 1916, no trabalho *O Estado como Manifestação da Vida*, do germanófilo sueco Rudolf Kjéllen, professor de Ciência Política da Universidade de Upsala. Ele dizia que "geopolítica é a ciência que concebe o Estado como um organismo geográfico ou como um fenômeno no espaço" (MAGNOLI, 1991: 12). Mas muitos geógrafos consideram a obra Geografia Política, de Friedrich Ratzel, de 1897, como a primeira obra sobre geopolítica, apesar de o autor não utilizar esse termo. É do próprio Ratzel a famosa frase: "Espaço é poder", o que mostra que, qualquer que seja a análise geopolítica, o poder é imanente. Segundo Demétrio Magnoli, essa obra é a pedra de toque original de todo o pensamento geopolítico (idem, 1991: 13). E por espaço Ratzel entende tudo que há dentro dele.

[3] Cabe destacar que o imperialismo inglês serviu para difundir o futebol, principalmente nas regiões portuárias e com a construção de estradas de ferro, no entanto a popularização do esporte se deu já em meados do século XX, com sua profissionalização.

Wanderley Messias da Costa, em sua tese de doutorado *Geografia Política e Geopolítica*, distingue e conceitua as duas, apontando outro caminho: “à Geopolítica caberia a formulação das teorias e projetos de ação voltados às relações de poder entre os Estados e às estratégias de caráter geral para os territórios nacionais e estrangeiros” (1990: 6). Já o espanhol Jaime Vicens Vives, em seu *Tratado General de Geopolítica*, afirma que a geopolítica interpreta o passado geográfico e histórico para justificar a atualidade. Mas ele considera que o termo correto deveria ser Geohistória e não Geopolítica. No decorrer do livro, ele vai definir geopolítica:

> “é a doutrina do espaço vital. Resume os resultados da Geografia Histórica e da Geografia Política em uma síntese explicativa, que busca aplicar a consideração dos sucessos políticos e diplomáticos contemporâneos. Não pertence propriamente à ciência geográfica” (1950: 79).

Entretanto, em 1928, o grupo formado por Haushofer, Obst, Lautensach e Maull criou a seguinte definição para geopolítica: “É a ciência de vinculação geográfica dos acontecimentos políticos” (VIVES, 1950: 61). Como geográfica, entende-se que ela não deve levar em conta apenas os fatores naturais, mas é preciso também ressaltar os fatores sociais: a relação homem-natureza. A geopolítica está diretamente ligada à disputa de poder, e é dinâmica. É a teoria que está por trás das formas de dominação: “Nada, na geopolítica, assemelha-a com uma teoria desinteressada: ela é um guia para a ação”, explica Magnoli (1991: 31-32).

Mas o novo termo teve muitas dificuldades de recepção no meio acadêmico. Já em meados do século 20, o termo geopolítica sofria discriminação por boa parte dos geógrafos. Foi quando Josué de Castro escreveu o livro *Geopolítica da Fome* e, além de usar o termo, estudou o problema da fome, que ainda era um tabu. Eis sua definição de geopolítica:

> "O sentido real da palavra Geopolítica é o de uma disciplina científica, que busca estabelecer as correlações entre os fatores geográficos e os fenômenos de categoria política, a fim

> de demonstrar que as diretrizes políticas não têm sentido fora dos quadros geográficos, isto é, destacadas da realidade e das contingências do meio natural e do meio cultural. (...) É apenas um método de interpretação da dinâmica dos fenômenos políticos em sua realidade espacial, com as suas raízes mergulhadas no solo ambiente" (1965: 27).

Para Gabriel Wackermann (1997: 5), citado por Vesentini (2003: 11), é possível falar atualmente em “novas geopolíticas”:

> “A Geopolítica, surgida no início do século 20, tem como preocupação fundamental a questão da correlação de forças – antes vista como militar, mas hoje como econômico-tecnológica, cultural e social – no âmbito territorial, com ênfase no espaço mundial (...) É possível falar em ‘novas geopolíticas’, mantendo um significado relativamente preciso e delimitado para a palavra – isto é, como um campo de estudos interdisciplinar que se refere à correlação de forças no plano espacial, com ênfase na escala mundial”

Assim, podemos conceituar a geopolítica como uma fundamentação geográfica de linhas de ação política. Ela estuda os artifícios de controle do espaço e procura entender os diversos interesses que se chocam e se mostram de maneira fragmentada. Como disciplina, a geopolítica trabalha fundamentalmente a relação entre espaço e poder. Ela não é somente utilizada pelo Estado. Pode ser empreendida por entidades, como a Fifa, por exemplo. E assim chega-se à geopolítica do futebol, que trabalha a relação entre o poder do futebol e o espaço do futebol. E essa relação pode ir além: a geopolítica do futebol interfere no poder e a geopolítica do poder interfere no futebol.

Numa Copa do Mundo, é a geopolítica que define quantos países de cada continente participarão dos mundiais. A Europa consegue muito mais vagas na competição proporcionalmente ao número de países que possui, ao contrário do continente africano ou asiático. Dos 32 países que disputaram a última Copa do Mundo, realizada no Japão e na Coréia do Sul, 15 eram da Europa. Cinco eram da África e quatro da Ásia, sendo que, deste último

continente, dois representavam os países-sede. É a geopolítica do poder interferindo no futebol.

Outro dado interessante é que a maior potência mundial da atualidade, os Estados Unidos, é considerada um país de terceiro escalão[4] na geopolítica do futebol. Mas aí pesa muito mais o aparente desinteresse pelo esporte, até porque, quando surgiu o futebol da maneira como é hoje, propagado no mundo pelos ingleses, os estadunidenses tiveram uma reação de negação ao esporte, pois era algo que vinha da metrópole, dos colonizadores. O beisebol foi adotado e um movimento nacionalista baniu o esporte das universidades norte-americanas. Ele passou a ser praticado apenas pelos imigrantes nas ruas das cidades industriais (MASCARENHAS, 2001: 80).

[4] Apesar de não apresentar resultados expressivos dentro de campo, os estadunidenses tentam alimentar o interesse pelo esporte em suas fronteiras. Realizaram uma Copa do Mundo em 1994, e empresas do país, como a Nike, patrocinam a Seleção Brasileira e os principais jogadores de futebol do mundo. Apesar do aparente desinteresse dentro dos gramados, os Estados Unidos se mostram interessados na reprodução ampliada do capital.

INTERVALO

"O futebol é o ideal de uma sociedade perfeita: poucas regras claras, simples, que garantem a liberdade e a igualdade dentro do campo, com a garantira do espaço para a competência individual"

Mario Vagas Llosa

A geopolítica sempre se relacionou às guerras, no sentido de disputa, conflito. E o futebol é mais uma dessas guerras, uma disputa entre países, clubes, jogadores, continentes e federações. Na geopolítica do futebol, o controle do espaço é o principal meio para se garantir o poder. A Fifa faz isso, organizando e administrando com mãos de ferro o futebol no mundo. A entidade exerce este poder influenciando suas confederações em cada continente, mas regula e controla as mudanças, usando a geopolítica para dar as cartas.

Só para se ter uma idéia, a Organização das Nações Unidas (ONU) possui 191 filiados, menos que a Fifa, uma corporação que atua em 207 países e que a cada ano aumenta seu alcance global. De 1974 até 2006, houve um crescimento espantoso da Fifa: ela conquistou 71 novos países (um aumentou superior a 52%), enquanto a ONU atingiu mais 60 países (cerca de 46% de acréscimo). Muitos países procuraram primeiro a entidade que decide sobre os rumos do futebol para só depois pensarem se queriam fazer parte das Nações Unidas. A Suíça, por exemplo, decidiu integrar-se à ONU apenas em 2002, mas já fazia parte da Fifa desde 1904. Na Oceania, Tonga entrou em 1994 para a Fifa e somente em 1999 para a ONU. E existem inúmeros casos que podem ilustrar a situação. Além de buscar o aumento do número de associados, essa corporação compartilha parte do poder e do dinheiro entre eles, mas não de forma igualitária, já que seus interesses nas diversas partes do planeta são diferentes. A Fifa até avisa em seu site que "apóia as associações nacionais financeiramente e logisticamente através de vários programas e um grande número de atrativos e privilégios. Mas elas também

têm suas obrigações", explica a entidade. E está aí o grande fator de sucesso da Fifa.

Entre deveres dos associados estão: obedecer à entidade, "seguir a cartilha", não ir contra as decisões estatutárias (mesmo que as decisões firam leis nacionais) e promover o futebol em sua área de atuação de acordo com as determinações e interesses da Fifa. Dessa forma, a geopolítica do futebol mostra também que a faceta econômica tem grande importância, já que, dependendo da gestão, mais ou menos dinheiro será enviado para aquela associação.

O maior responsável pelo vertiginoso crescimento da Fifa foi João Havelange, o brasileiro que presidiu a entidade de 1974 até 1998.

> "Em 1974, depois de subir muito, Jean Marie Faustin de Godefroid Havelange conquistou a cúpula da *FIFA*. E anunciou.
>
> – *Vim vender um produto chamado futebol*.
>
> Desde então, Havelange exerce o poder absoluto sobre o futebol mundial. Com o corpo grudado no trono, rodeado por uma corte de vorazes tecnocratas, Havelange reina em seu palácio de Zurique. Governa mais países que as Nações Unidas, viaja mais que o Papa, e tem mais condecorações que qualquer herói de guerra. (...) Este idoso monarca mudou a geografia do futebol e transformou-o num dos mais esplêndidos negócios multinacionais. Em seu mandato, dobrou a quantidade de países nos campeonatos mundiais: eram dezesseis em 1974, serão trinta e dois em 1998". (GALEANO, 2002: 166-167)

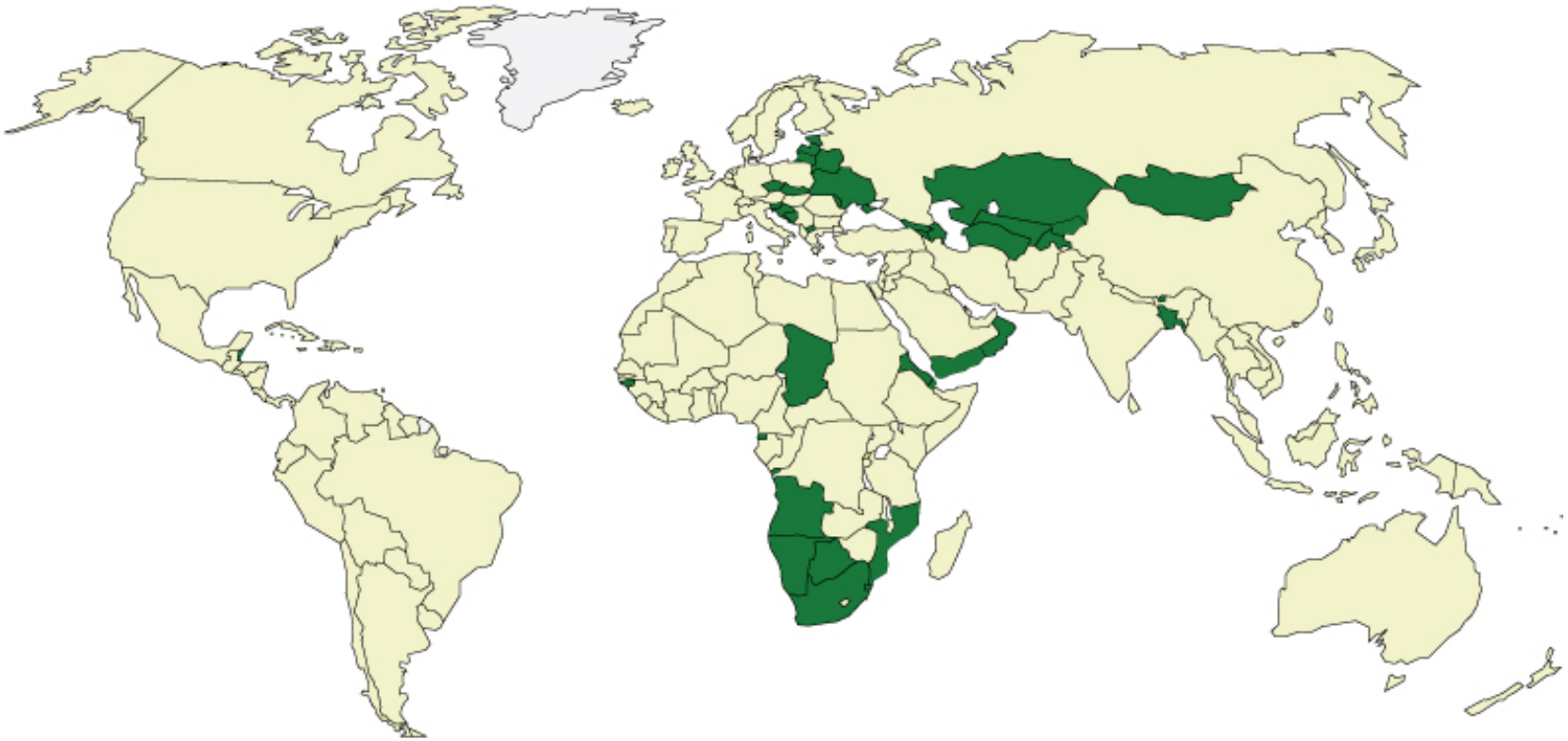
Foi sob seu comando que a associação ganhou espaço. Dos 71 países que se filiaram à Fifa a partir da gestão Havelange (a Rússia não é incluída nesta contabilização), 20 pertencem à confederação da Europa, 16 da África, 14 da Ásia, 8 da Oceania e 13 da América do Norte, Central e Caribe.

Confederações da Fifa	Número de Associações	Associações que entraram a partir de 1974	Crescimento após 1974
África	53	16	43%
América do Norte, Central e Caribe	35	13	59%
América do Sul	10	0	0%
Ásia	46	14	44%
Europa	52	20	62%
Oceania	11	8	266%

A Confederação da Oceania quase quadruplicou seu número de associados, graças à entrada de vários países da região que menos se interessa por futebol no mundo. O crescimento da Europa também é significativo, porém muito dele se deu devido ao fim da União Soviética e da Iugoslávia, países que se desmembraram em muitos outros. Já na Ásia, África, América do Norte, Central e Caribe, o aumento foi bastante importante para expandir as áreas de atuação da Fifa. Na América do Sul, nenhum aumento, até pela pequena quantidade de países em relação às outras confederações do planeta.

Apesar de não conseguir apresentar todos os detalhes dessas transformações, o mapa (a escala está baseada em uma impressão em papel A3) a seguir aponta quais países entraram para a Fifa na gestão de João Havelange e onde eles estão localizados. Muitas ilhas que passaram a fazer parte da Fifa depois de 1974 não puderam ser representadas no mapa, por causa de suas pequenas dimensões. Elas estão principalmente na região do Caribe e da Oceania.

Países membros da Fifa - 2006



Membro após 1974

Membro antes de 1974

Não é membro da Fifa

Escala - 1:73.000.000

Realizado com Philcarto - http://perso.club-internet.fr/philgeo
Paulo Favero

Cada país novo (ou associação nacional nova) representa um novo voto. Ou seja, a expansão espacial está diretamente ligada à expansão do poder político (bases eleitorais), já que o presidente da entidade é eleito pelo voto da maioria das associações. Se a maioria está satisfeita com a gestão (e nesse caso entende-se também a satisfação como recebimento de presentes, agrados, favores políticos etc.), o dirigente é reeleito. Havelange permaneceu 24 anos no poder e só saiu quando quis – ele abriu mão de uma nova reeleição em 1998.

> "Quando eu cheguei no escritório da Fifa em Zurique, encontrei uma casa velha e 20 dólares no caixa. No dia em que fui embora, 24 anos depois, deixei propriedade e contratos no valor de mais de 4 bilhões de dólares. Entre 1974 e 1998, eu visitei cada país-membro pelo menos três vezes, e a Fifa tinha algo em torno de 186 países filiados. Acho que o único que eu não conseguir ver foi o Afeganistão, porque eu não conseguia entrar lá. Apesar disso, eu estimo que tenha viajado cerca de 26 mil horas de vôo, o equivalente a passar três anos no ar"[5].

Havelange deixa claro nesse depoimento que fazia um trabalho de base eleitoral com todas as associações. Assim, também é muito comum um dirigente de associação nacional ficar muitos anos no cargo, já que elas geralmente seguem os mesmos moldes da Fifa, com votações entre as federações locais e/ou presidentes de clubes. Se o dirigente se encaixa dentro dos "padrões Fifa", permanecerá por muito tempo na função. No Brasil, o presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira, está no cargo desde 1989. E pretende ficar até 2014, caso o Brasil seja sede da Copa do Mundo daquele ano. Ele tem uma base eleitoral muito forte e consolidada, como seu ex-sogro Havelange.

E a própria forma como essa corporação se espalha pelo mundo segue o caminho do dinheiro, do poder político e do espaço a ser conquistado.

---

[5] Declaração de Havelange, em entrevista para o site da Copa do Mundo da Alemanha em 4 de dezembro de 2003 (acesso em 1º de junho de 2006).

> “A complexidade que caracteriza a corporação – escala de operações, multifuncionalidade, segmentação, múltiplas localizações e poder econômico e político – vai se traduzir em um complexo ciclo de reprodução do capital que, por sua vez, está associado a uma complexa espacialidade” (CORRÊA, 1992: 139).

Dessa forma, primeiro é preciso esboçar quais as características que tornam a Fifa uma corporação. Talvez a principal delas seja o enorme poder de influência política e econômica que ela possui. A Fifa controla todos os passos do futebol no mundo, determinando onde, como e quando ele será realizado, e faz com que a reprodução do capital se dê nesses moldes. Como as entidades nacionais têm de seguir seu estatuto, nada é feito contra a vontade da Fifa. Como explica Arlei Sander Damo, em tese de doutorado:

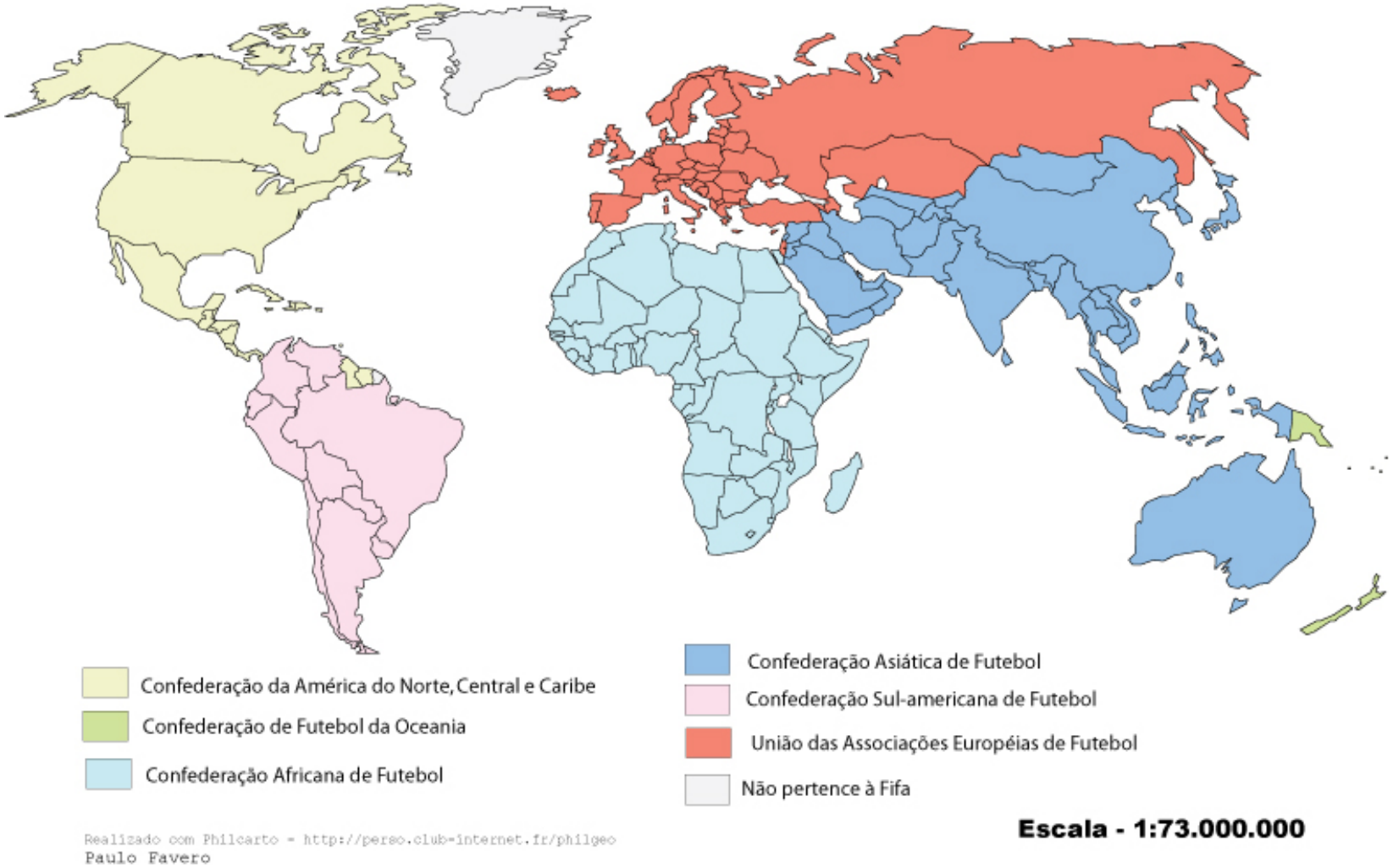
> “Na medida em que [a Fifa] detém o monopólio sobre o espetáculo, deixa aos futebolistas opções restritas de mercado para além dos clubes que participam do circuito por ela agenciado. As possibilidades de atuação ou, preferindo-se, de remunerar o capital futebolístico, são limitadas, ainda que exista uma intensa circulação desses profissionais (...) a circulação intensa (sendo as equipes brasileiras renovadas praticamente ano a ano) e extensa, em escala planetária, é característica do atual estágio de desenvolvimento do futebol de espetáculo, sendo o mercado incompreensível se não for pensado a partir do monopólio exercido pela Fifa e sua cadeia de agências continentais, nacionais e regionais” (DAMO, 2005: 177).

Além das associações nacionais, a Fifa se espalha também em outra escala, a regional. Através das confederações continentais, ela consegue controlar cada região do planeta de maneira peculiar. A Fifa possui seis confederações regionais: Asiática; Africana; da América do Sul; Européia; da Oceania; da América do Norte, Central e do Caribe. Cada uma delas possui suas associações nacionais, mas nem sempre isso segue a regionalização

geográfica mundialmente conhecida. Por exemplo, a Austrália pediu recentemente, e foi aceita, para participar da Confederação Asiática de Futebol. Um dos argumentos é que aquele país prefere disputar as eliminatórias para a Copa do Mundo no outro continente e brigar diretamente por uma vaga do que disputar as eliminatórias na Oceania, mas aí garantir apenas uma vaga na repescagem para disputar uma vaga com o quarto classificado da América do Sul (o que na teoria é mais difícil).

Países pertencentes à América do Sul, como Suriname e Guiana, disputam competições ligadas à confederação que reúne os países da América Central, do Norte e do Caribe. Já da Uefa, a entidade que rege o futebol no continente europeu, participam países como Azerbaijão e Cazaquistão, que têm suas áreas no continente asiático, e Turquia, que apesar de ter a maior parte de seu território na Ásia (e o restante na Europa), também participa dos torneios e eliminatórias européias. Nesses casos, as associações estão mais preocupadas com o dinheiro, com o potencial de mercado e até com o status de “país europeu”, mesmo sabendo que a disputa das eliminatórias para uma Copa do Mundo na Europa ser bem mais difícil. Existe também o caso de Israel, que participa da Uefa, e nesse caso tem relevância a questão da identidade e o fato de haver muitas restrições, principalmente no Oriente Médio, à participação de Israel nos torneios regionais asiáticos. O mapa (a escala está baseada em uma impressão em papel A3) a seguir ajuda a visualizar essa diferente regionalização que a Fifa faz no mundo.

As Associações da Fifa e suas Confederações - 2006



Uma outra característica que torna a Fifa uma corporação é sua ampla escala de operações. A Fifa organiza torneios, vende cotas de patrocínio, dita as regras do futebol no mundo, negocia os direitos de televisão, fornece produtos licenciados, faz parcerias com multinacionais, age politicamente sobre a negociação de jogadores, toma partido em disputas entre países, proíbe certos tipos de uniformes ou chuteiras, dispõe sobre os estádios e os torcedores etc. Tudo isso também dá à Fifa um caráter multifuncional, pois ela tem suas afiliadas espalhadas pelo mundo, participa de diversos tipos de negócio dentro do futebol e ainda escolhe onde investir mais ou menos. Assim, a entidade se expande tanto verticalmente quanto horizontalmente.

Duas outras características citadas por Roberto Lobato Corrêa também mostram o papel da Fifa como corporação. A primeira é a segmentação da corporação, ou seja, em cada associação pertencente à Fifa o futebol tem uma função diferenciada. Em algumas ele é praticamente o produto final, o que seria o "sonho de consumo" de todos os envolvidos com esse esporte. Em outros, o papel é de fornecedor de jogadores que precisam ser lapidados – o Brasil se encaixa neste perfil. Existem também outros lugares que recebem as mercadorias que não são de ponta, para onde escoam os jogadores de segundo e terceiro escalão. E no final de toda essa cadeia corporativa estão os países que ainda não têm o futebol bem desenvolvido (e onde a Fifa costuma investir pensando no futuro)[6]. Assim, cada uma dessas associações desempenha um papel diferente – e tão importante quanto – no processo de acumulação de capital e expansão espacial da corporação – que culmina na ampliação do território do futebol.

Uma terceira característica diz respeito às diferentes localizações. Ao mesmo tempo em que a Fifa se espalha por todo planeta, ela sabe muito bem onde está pisando. E cada novo local implica um determinado mercado consumidor, uma especialização de sua mercadoria (o tipo de jogador formado em cada país é um exemplo disso) e o custo/investimento que terá de ser aplicado ali. Países europeus ocidentais com dinheiro são os compradores de

[6] Apesar da influência da Fifa enquanto corporação, a segmentação de funções se dá de acordo com o papel do país na economia globalizada. São raros os casos de países que conseguem exercer, no negócio do futebol, uma função diferenciada da que desempenham no capitalismo. Um país exportador de matéria-prima será exportador de jogadores que ainda precisam ser lapidados, ou que valem menos do que valeriam se jogassem em um time europeu. Um país rico é comprador desses jogadores, ou seja, importador.

jogadores de ponta, países com dinheiro de regiões com Oriente Médio e leste europeu compram atletas de nível médio e bom e países pobres exportam jogadores, de todos os níveis.

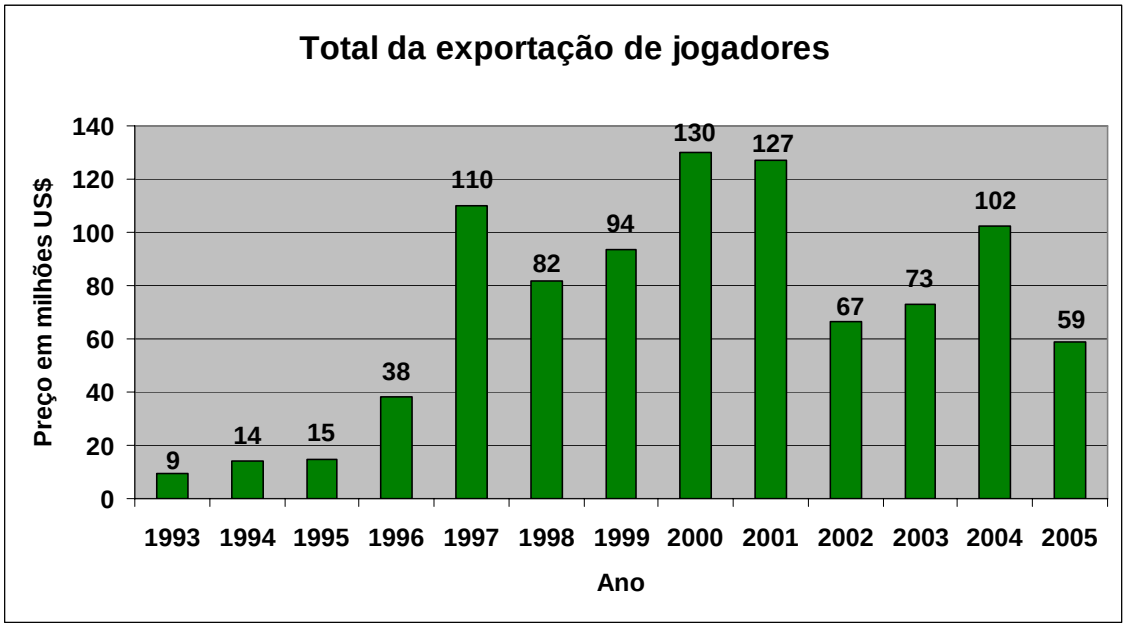
> "A sociedade portadora do espetáculo não domina as regiões subdesenvolvidas apenas pela hegemonia econômica. Domina-as *como sociedade do espetáculo*. Nos lugares onde a base material ainda está ausente, em cada continente, a sociedade moderna já invadiu espetacularmente a superfície social. Ela define o programa de uma classe dirigente e preside sua formação. Assim como ela apresenta os pseudobens a desejar, também oferece aos revolucionários locais os falsos modelos de revolução. O espetáculo específico do poder burocrático, que comanda alguns países industriais, faz parte do espetáculo total, como sua pseudonegação geral, e seu sustentáculo. Visto em suas diversas localizações, o espetáculo mostra com clareza especializações totalitárias do discurso e da administração sociais, mas estas acabam se fundindo, no nível do funcionamento global do sistema, em uma *divisão mundial das tarefas espetaculares*" (DEBORD, 1997: 38-39).

Essa *divisão das tarefas espetaculares* abrange também o papel desempenhado por cada país e cada região na expansão do futebol e na mercantilização do esporte e, por conseqüência, dos jogadores. Numa Copa do Mundo, a grande maioria dos países não são protagonistas, apenas assistem e admiram o futebol dos outros. Tudo isso é fundamentado nos pilares de uma indústria cultural, sob a fiscalização estratégica da Fifa, que quando incentivou a profissionalização do futebol fez com que ele deixasse de lado o lúdico para se tornar mais um produto, que abrisse mão dos atletas enquanto indivíduos para torná-los mercadorias:

> "Os futebolistas também fazem a transição de indivíduo à pessoa (...) Todavia, os futebolistas são sujeitos a uma segunda ordem de transição: de pessoa à coisa. Eles pertencem a um clube – e a uma comunidade de sentimento –

> pelo fato de possuírem vínculos sociais, dentre os quais destacam-se os afetivos que (...) são construídos, dramatizados e encenados. O que os prende a um clube não é, contudo, o pertencimento clubístico, único e imutável, como o dos torcedores, mas um contrato formal, juridicamente avalizado pela legislação trabalhista. Os futebolistas profissionais também são mercadorias com valor de compra e venda" (DAMO, 2005: 339).

Os jogadores de futebol exercem um papel fundamental dentro dessa indústria do espetáculo. Ajudam a movimentar o capital e podem ser considerados uma mercadoria global. São negociados entre clubes, exportados pelos países e, em alguns casos, comprados a peso de ouro. E o montante que eles movimentam na economia mundial é impressionante se comparado a outros tipos de mercadoria. Só para se ter uma idéia, desde 1993 até os dias de hoje, o Brasil já exportou quase US$ 1 bilhão em jogadores de futebol. Em 2005, a exportação de atletas profissionais foi de US$ 58,9 milhões, segundo dados do Banco Central[7], superando a exportação brasileira de banana, cacau e castanha, por exemplo.



[7] Os dados são do Banco Central, a título de TRANSFERÊNCIAS FINANCEIRAS DO EXTERIOR - SERVIÇOS DIVERSOS - PASSES DE ATLETAS PROFISSIONAIS, fato natureza 48457. Esse montante refere-se principalmente a operações com atletas de futebol (já que o Brasil quase não "exporta" atleta profissional de outras modalidades esportivas).

Karl Marx, em *O Capital*, discute o conceito de mercadoria e talvez isso possa ser colocado para o jogador de futebol:

> "La mercancia es, en primer término, un objeto externo, una cosa apta para satisfacer necesidades humanas, de cualquier clase que ellas sean. El carácter de estas necesidades, el que broten por ejemplo del estómago o de la fantasia, no interesa en lo más mínimo para estos efectos. Ni interesa tampoco, desde este punto de vista, cómo ese objeto satisface las necesidades humanas, si directamente, como medio de vida, es decir como objeto de disfrute, o indirectamente, como medio de producción". (MARX, 1946: 3)

A força de trabalho de um jogador de futebol é a sua mercadoria. Mas ele mesmo tornou-se uma mercadoria, a partir do momento em que a Fifa possui regras próprias para as relações de trabalho no esporte e o jogador pode ser trocado, vendido, comprado e emprestado, como qualquer outra mercadoria. Tem um contrato de dedicação exclusiva e, enquanto estiver contratado por um clube, só pode atuar por outro mediante uma compensação financeira. Ele não é negociado apenas pelo que vale, mas pelo que pode valer e render para o clube. É uma mercadoria global, que movimenta muito dinheiro na economia mundial, sendo o principal produto da corporação Fifa. Arlei Damo não entende como esta situação específica não provoca reclamações generalizadas por causa das relações de trabalho.

> "Em configurações sociais, culturais e históricas distintas, há variações em relação ao entendimento do status de determinadas classes de pessoas, de tal modo que alguns grupos humanos possam vir a ser tratados como mercadorias – como os diferentes grupos de escravos. A questão de fundo é, portanto, de saber como, em pleno século XXI, seja cultural, social e legalmente consentido que uma determinada classe de pessoas, os jogadores de futebol, sejam comprados e vendidos, quando, simultaneamente, proliferam-se os

> movimentos de direitos humanos denunciando o trabalho escravo, o tráfico de bebês, para não falar nas restrições em relação ao comércio de órgãos e sêmen" (DAMO: 2005: 343).

É um pouco perigoso comparar jogador de futebol a um escravo, já que o atleta é livre para romper contrato e ser outra coisa na vida, como um pipoqueiro, camelô ou qualquer outra coisa. Mas não poderá ofertar sua força de trabalho em outra equipe profissional dentro do sistema Fifa. Assim, é uma liberdade de só uma escolha...

> "Há tráfico de crianças, clubes que traficam jogadores, casos de famílias inteiras que chegam da América do Sul. (...) Há casos de jogadores de menos de 10 anos. Os agentes levam a clubes de pequena categoria que os aceitam em troca da promessa do dinheiro que ganharão numa futura transferência. E outros que, se não correspondem logo às expectativas, são deixados na rua, abandonados".[8]

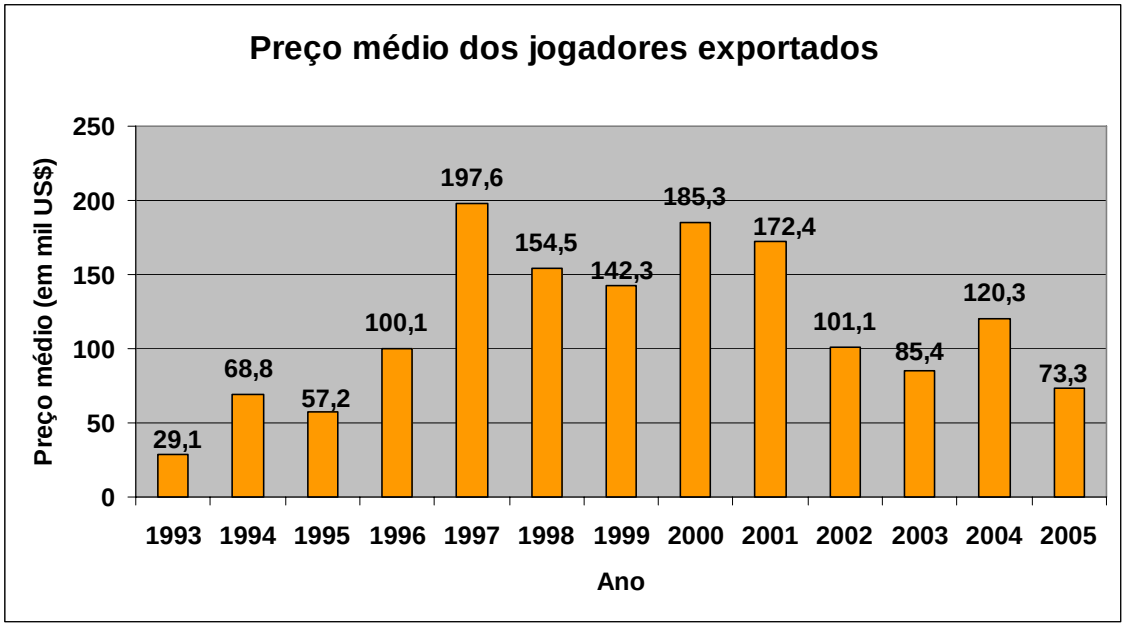
Na própria linguagem do futebol, os jogadores são considerados mercadoria: "(...) os demais agentes referem-se a eles, seguidamente, como mercadorias: 'fulano custou x', 'com fulano o clube faturou x', 'fulano foi comprado por x, mas não vale y' e assim por diante" (DAMO, 2005: 340).

No caso brasileiro, existe um grande interesse de exportar o jogador de futebol, pois, para a CBF, isso é sinal do poder e da qualidade do esporte no País. Mas também é sinal de que o país ocupa um lugar de mercado fornecedor de "matéria-prima", de que oferece mercadoria de baixo custo e do forte impacto do dinheiro que vem de fora. Uma transação em que um clube brasileiro ganha US$ 10 milhões por um atleta é considerada de grande sucesso no Brasil. Uma quantia dessas na Europa é considerado baixa. Esse exemplo permite perceber que o impacto do dinheiro injetado na economia do país pela exportação dos jogadores é muito significativo, e é por isso que os países que exportam jogadores não podem exigir por eles um preço muito alto,

[8] Declaração de Lars-Christer Olsson, secretário-geral da Uefa, em matéria publicada no jornal El Pais, em 14/12/2005, sob o título de "Uefa acusa grandes clubes de roubar pequenos". Na própria reportagem o dirigente cita o curioso caso do Bereven, da primeira divisão belga, que chegou a ter numa certa ocasião 11 jogadores da Costa do Marfim.

caso contrário o negócio não é concretizado. E quem importa jogadores sabe disso, e entende também que existe uma cotação favorável quando o dólar ou o euro vale mais do que o real.

No caso brasileiro, o gráfico abaixo mostra que houve um processo de depreciação da mercadoria "jogador". Mesmo com o aumento do número de atletas exportados, e a movimentação financeira ter crescido, o preço médio[9] caiu. Isso pode ser explicado por diversos fatores, como queda no preço do dólar em relação ao real, banalização da exportação de jogador, o que faz com que a mercadoria não tenha uma valorização, pois nunca faltará no "mercado", e também por uma tendência em não pagar quantias exorbitantes por um jogador de país pobre, a menos que ele pareça ser excepcional com a bola nos pés e que não pareça que causará preocupações fora de campo, como falta de adaptação ao novo país. Tudo regido pela lei da oferta e da procura.



Vale ressaltar que outro fator que colabora para a saída de jogadores do Brasil é o descaso dos clubes e do Estado com a educação dos atletas quando crianças e adolescentes. Não existe nenhuma legislação brasileira que coloque a educação em primeiro plano para os jogadores. E essa brecha é ocupada por agentes e empresários que estão mais preocupados com o lucro do que com a

[9] O preço médio foi baseado nos dados do Banco Central sobre o total de exportação com os dados da Confederação Brasileira de Futebol sobre número de jogadores que saem do País.

formação dos jogadores. E, aqui, é justamente pela falta de interferência do governo que os meninos têm tempo – e espaço – de sobra para praticar o futebol, ao contrário do que ocorre nos países ricos, onde os garotos gastam boa parte de seu tempo com a escola. É a diferença entre os países pobres e ricos que permitem que um país tenha mais crianças nas ruas do que nas salas de aula.

> "A reputação técnica dos brasileiros é, certamente, um dos motivos da cobiça estrangeira, mas além de bons são baratos – por isso são levados em quantidade (...) os jovens brasileiros podem ser desterritorializados segundo as estratégias de clubes e agentes/empresários; submetidos a treinamentos extenuantes que os inviabilizam para outras atividades – diferentemente da produção francesa, que coloca a formação escolar e esportiva em paralelo" (DAMO, 2005: 170).

O processo de mercadorização dos jogadores faz parte da indústria do espetáculo, conforme explica Guy Debord:

> "O espetáculo é o momento em que a mercadoria *ocupou totalmente* a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo. A produção econômica moderna espalha, extensa e intensivamente, sua ditadura. Nos lugares menos industrializados, seu reino já está presente em algumas mercadorias célebres e sob a forma de dominação imperialista pelas zonas que lideram o desenvolvimento da produtividade. Nessas zonas avançadas, o espaço social é invadido pela superposição contínua de camadas geológicas de mercadorias. Nesse ponto da "segunda revolução industrial", o consumo alienado torna-se para as massas um dever suplementar à produção alienada. *Todo trabalho vendido* de uma sociedade se torna globalmente *a mercadoria total*, cujo ciclo deve prosseguir. Para conseguir isso, é preciso que essa mercadoria total retorne fragmentadamente ao indivíduo fragmentado, absolutamente separado das forças produtivas

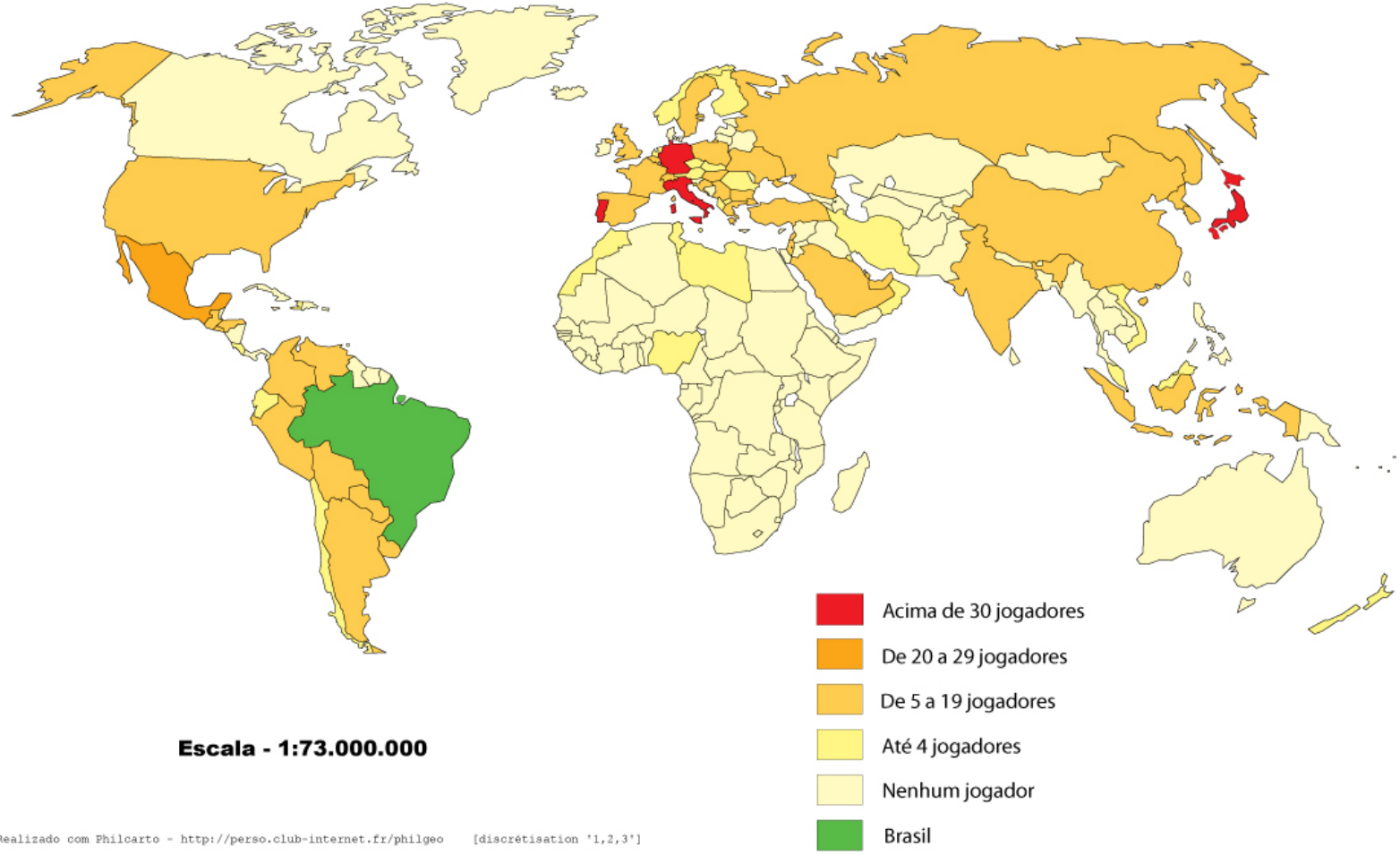
> que operam como um conjunto. Nesse ponto, a ciência da dominação tem que se especializar: ela se estilhaça em sociologia, psicotécnica, cibernética, semiologia etc., e controla a auto-regulação de todos os níveis do processo".

Em cada associação pertencente à corporação Fifa, essa indústria do espetáculo atua e espalha suas teias: "(...) o mercado de pé-de-obra é sujeito à diversidade histórica e social da espetacularização. Em outras palavras, há mercado para os mais diversos volumes de capitais futebolísticos" (DAMO, 2005: 171). O Brasil consegue se adequar perfeitamente aos interesses desse vasto mercado. Ao mesmo tempo em que vende jogadores para os principais países do futebol mundial – neste caso, para aqueles que têm mais dinheiro, como os europeus –, o Brasil também consegue exportar para países emergentes e até para lugares em que nem se imagina que exista um futebol organizado. Em 2005, dos 804 jogadores que deixaram o Brasil, 138 foram para Portugal – e aqui o fator língua deve ser muito importante –; mas foram também 30 para o Vietnã, o quarto país que mais importou atletas brasileiros, atrás de Japão (40) e Itália (34) – e aí já seria preciso um estudo mais aprofundado para entender esse processo.

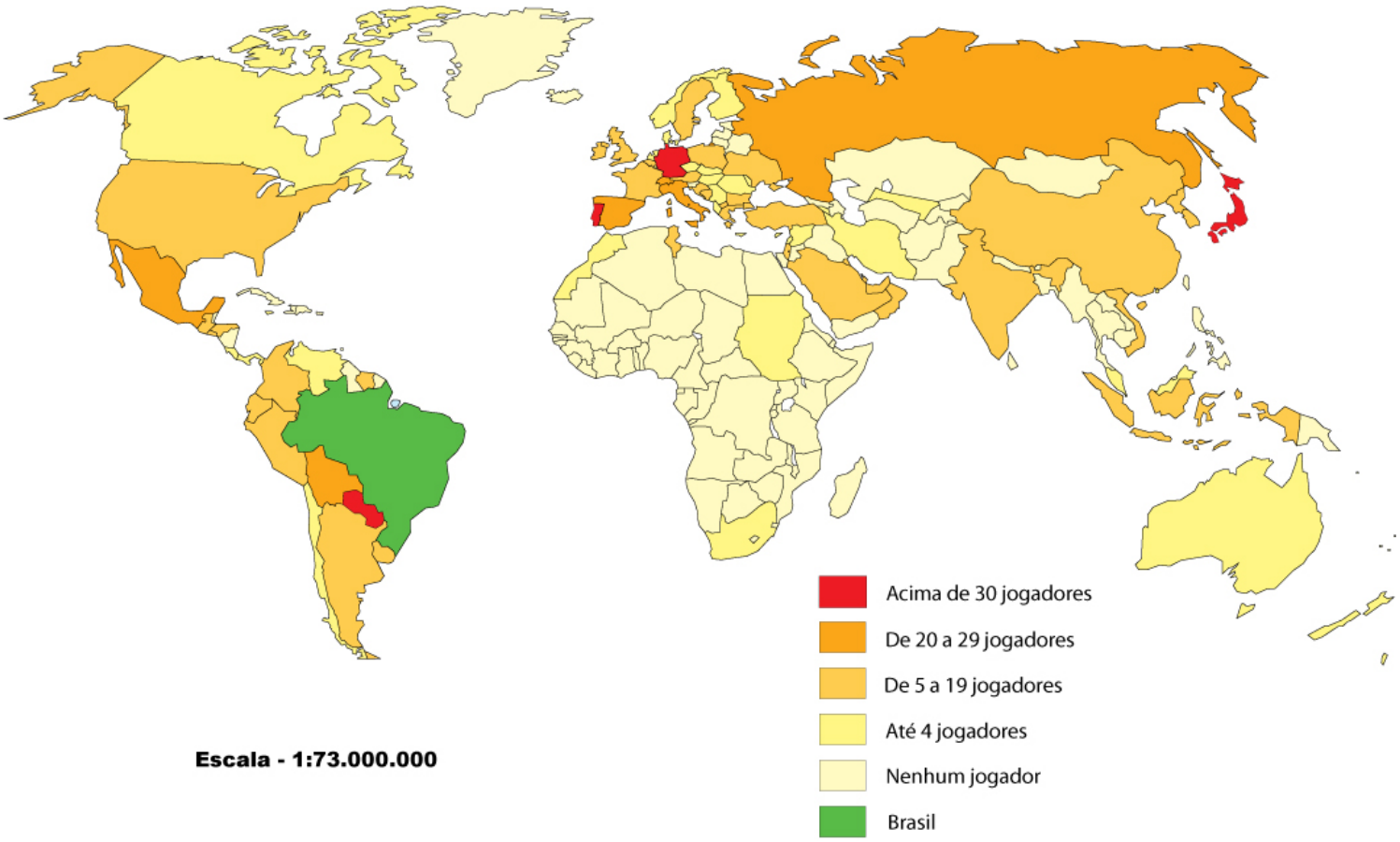
Os quatro mapas a seguir mostram qual foi o destino dos jogadores brasileiros nos anos de 2002, 2003, 2004 e 2005[10]. Percebe-se claramente que a Europa é onde mais se importa. Alguns locais na Ásia, como Japão e Coréia, se destacam. Também percebe-se que raramente um atleta brasileiro vai para a África ou Oceania. O primeiro caso é por falta de dinheiro para contratar e porque também a maioria dos países africanos possui uma forma de jogar parecida com a brasileira. E, neste caso, acabam também sendo exportadores de jogador. Já na Oceania, a questão passa muito mais pela falta de interesse no esporte do que falta de dinheiro.

[10] Os dados são da Confederação Brasileira de Futebol e estão disponíveis no site http://www.cbfnews.com.br. Dados anteriores a 2002 apontando o destino dos jogadores não foram disponibilizados. Para a confecção dos mapas, os dados de Coréia do Norte e do Sul foram computados em somatória, ou seja, somaram-se todos os jogadores que foram naquele ano para a Coréia, independente de ser do Norte ou do Sul. As escalas do mapa são para impressão em papel A3.

Exportação de jogadores brasileiros para o mundo - 2002

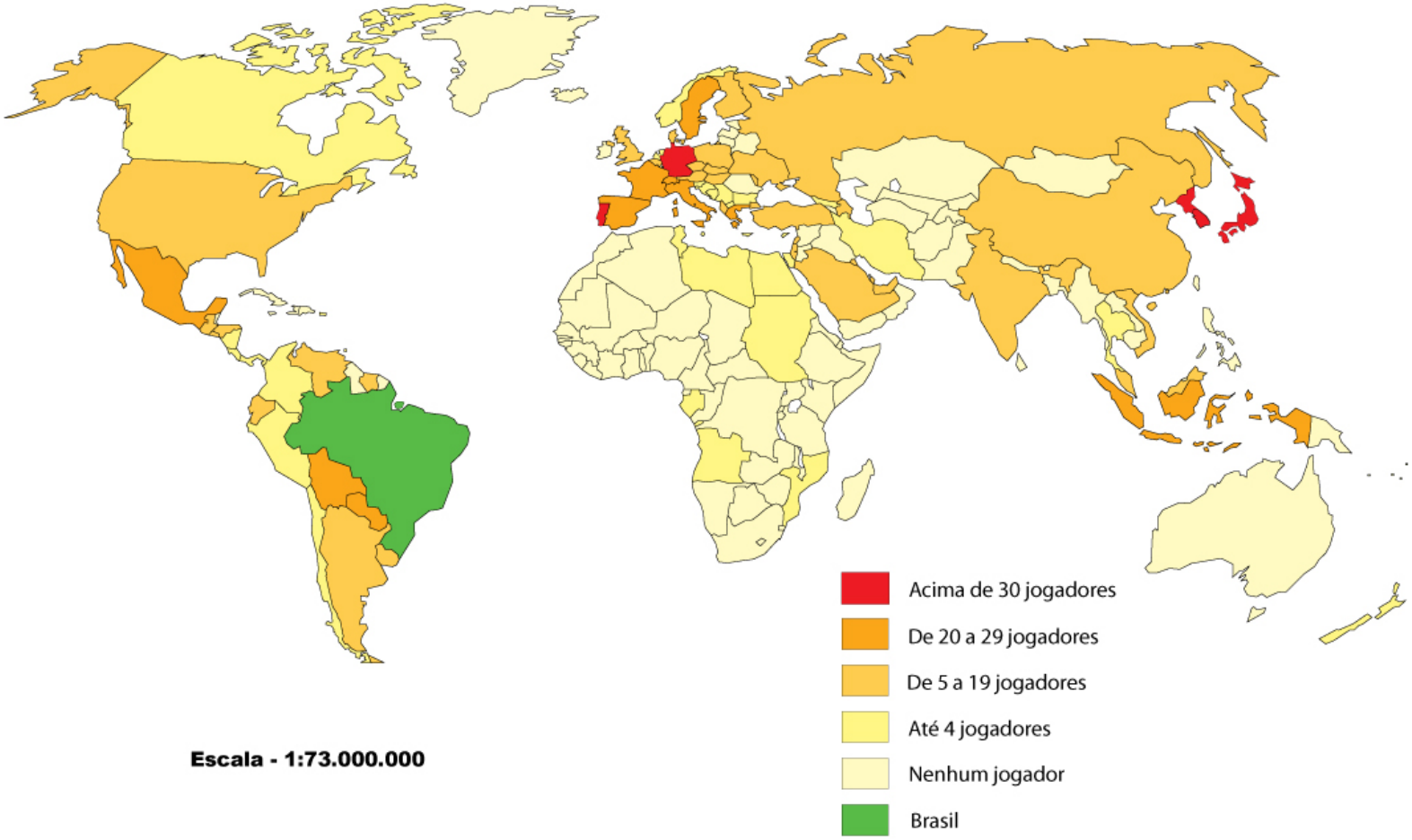


Exportação de jogadores brasileiros para o mundo - 2003



Realizado com Philcarto - http://perso.club-internet.fr/philgeo [discrétisation '1,2,3']
Paulo Favero

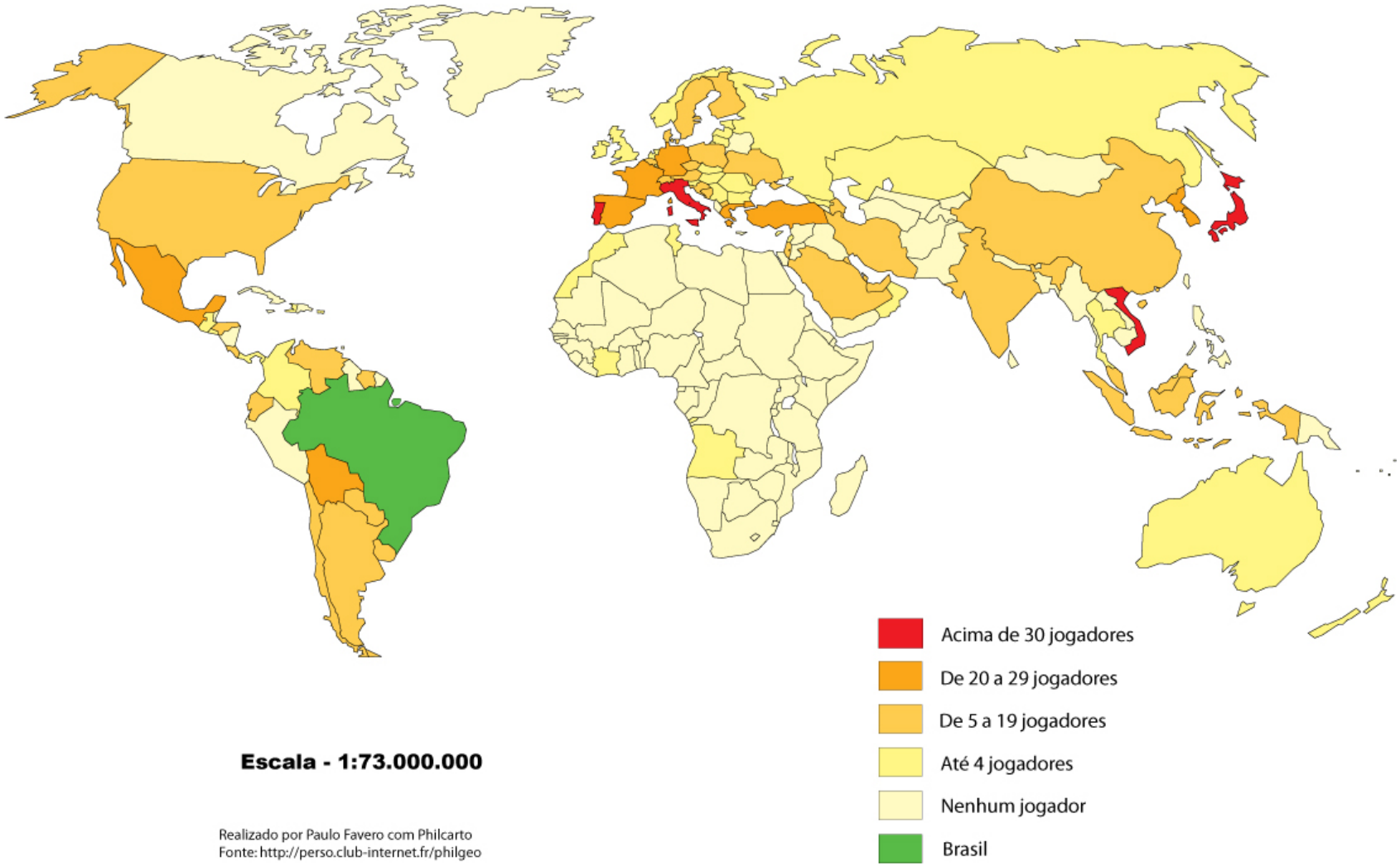
Exportação de jogadores brasileiros para o mundo - 2004



Realizado com Philcarto - http://perso.club-internet.fr/philgeo [discrétisation '1,2,3']

Paulo Favero

Exportação de jogadores brasileiros para o Mundo - 2005



Além de jogadores, o Brasil também consegue exportar futebol com a Seleção Brasileira. E talvez seja o único país do mundo que consiga fazer isso com uma seleção nacional. No amistoso realizado em 1º de março de 2006, a Rússia pagou US$ 1,5 milhão para a CBF para poder enfrentar o Brasil. E isso é tão comum, que alguns países preferem não enfrentar a Seleção por causa do alto preço cobrado por um simples amistoso. E se a CBF não consegue exportar os campeonatos nacionais e regionais, como os Estados Unidos fazem com a NBA (liga profissional de basquete), o que a entidade mais exporta são jogadores de futebol. Existe um projeto de exibição das partidas do Campeonato Brasileiro para o Exterior, mas que ainda não vingou. "Entraremos, nesta temporada (2006), no mercado asiático. Vários jogos do Brasileirão serão mostrados para a China, um mercado estimado em 600 milhões de telespectadores. Como acontece em todos os negócios, as receitas iniciais são pequenas. Porém, crescerão, ilimitadamente, nos próximos anos. Este caminho será coberto passo a passo. Mas é o caminho certo", explica Fábio Koff[11], presidente do Clube dos 13, entidade que reúne os principais clubes brasileiros e que é formado por Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Flamengo, Vasco da Gama, Botafogo, Fluminense, Cruzeiro, Atlético-MG, Internacional, Grêmio e Bahia. A este grupo inicial de 13 clubes juntaram-se depois Coritiba, Goiás, Sport, Portuguesa, Atlético-PR, Guarani e Vitória.

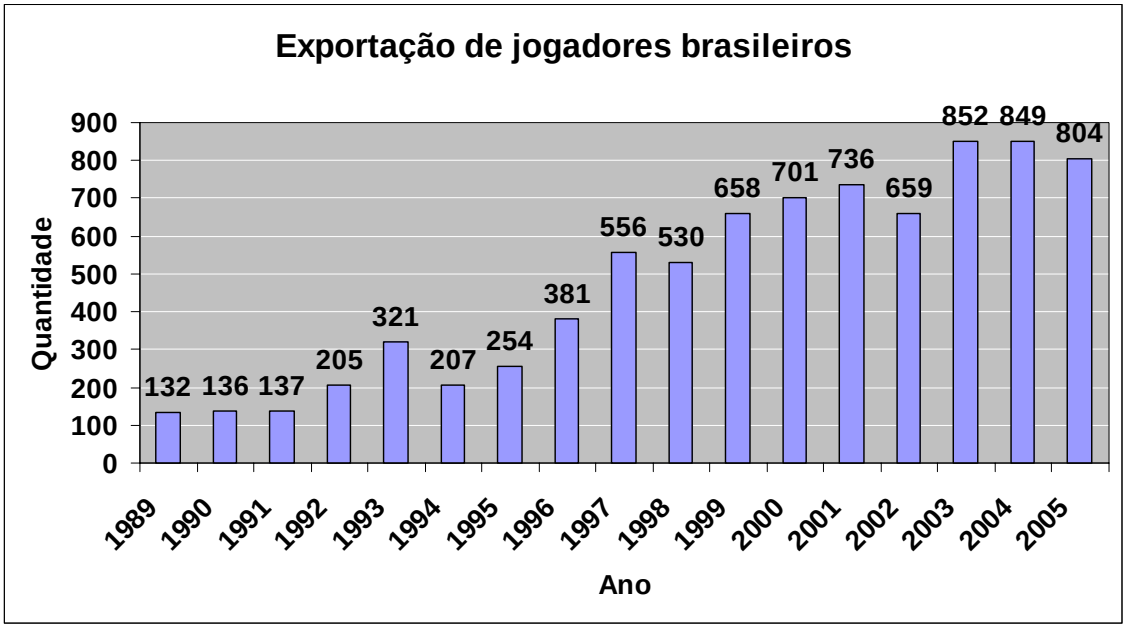
Só que esses primeiros passos não conseguirão reverter tão cedo o processo de "africanização"[12] do futebol brasileiro, como diz o Clube dos 13:

> "Surgem craques brasileiros em todos os cantos do mundo, sem que, sequer, tenham sido vistos jogando no Brasil por terem sido levados ainda adolescentes para o Exterior. [essa] é uma das maiores preocupações dos clubes. Koff lembra que, recentemente, o próprio presidente da Fifa, Joseph Blatter, manifestou-se contrariado com o que classificou de 'colonialismo imposto pelos ricos clubes europeus aos países pobres e em desenvolvimento'".

---

[11] Depoimento no site do Clube dos 13 – http://clubedostreze.globo.com; visita em 28/5/2006.
[12] Esta expressão refere-se ao processo de tirar africanos ainda garotos de seus países e levá-los para centros de treinamento na Europa, a fim de "criar" bons jogadores – ou seja, futura rentável mercadoria.

Para se ter uma idéia da evolução desse processo e dos volumes que ele movimenta, em um período de 17 anos, o Brasil aumentou mais de 500% sua exportação de jogadores, segundo dados da Confederação Brasileira de Futebol[13].



O aumento na exportação de jogadores faz com que, geralmente, os melhores jogadores atuem fora do país. Isso se reflete nas convocações para a Seleção Brasileira: em 1982, por exemplo, apenas dois atletas que disputaram a Copa do Mundo jogavam fora do País; já na Copa deste ano de 2006, na Alemanha, 20 dos 23 atletas convocados por Carlos Alberto Parreira atuam na Europa (e aqui contamos o corte do volante Edmilson, que atua na Europa, e a convocação de Mineiro, que joga no Brasil). É a contradição de ser uma equipe nacional em que os atletas foram praticamente "europeizados".

> "Estima-se que cinco mil brasileiros tenham contratos com equipes estrangeiras. O êxodo do futebol brasileiro constitui uma das grandes migrações de talentos na história recente, o

[13] Parte desses números pode ser encontrada no site da entidade: http://www.cbfnews.com.br. O restante da informação (dados anteriores a 2002) foi conseguido através de contato telefônico com a CBF. Vale ressaltar que a entidade só possui os números referentes à gestão Ricardo Teixeira, ou seja, somente a partir de 1989.

> equivalente esportivo da fuga de cérebros pós-soviética ou da debandada de intelectuais de países africanos em guerra. Os heróis brasileiros viraram algo semelhante à guerra na Chechênia – distantes e estranhos, presentes apenas em raras aparições na seleção nacional e na despedida de algum craque". (FOER, 2005: 118)

O grande número de atletas exportados, neste caso não apenas do Brasil, mas de todos os países periféricos do mundo da bola, aliado ao fato de o atleta ser uma mercadoria global, faz com que os jogadores também exerçam um papel de *commodities*. "Os jogadores têm preço e ele é determinado não apenas pela relação entre a oferta e a demanda por pés-de-obra, mas por uma lógica especulativa, susceptível à escassez e à abundância, como os *commodities* ou ações" (DAMO, 2005: 340). As *commodities*[14] possuem grande importância internacional, principalmente no sistema financeiro, e são negociadas em profusão. Assim, os jogadores de futebol também seriam uma espécie de *commodity*, mas ao contrário de serem negociados nas bolsas de valores (por enquanto), são comprados e vendidos pelos clubes com o consentimento das Confederações nacionais e da Fifa.

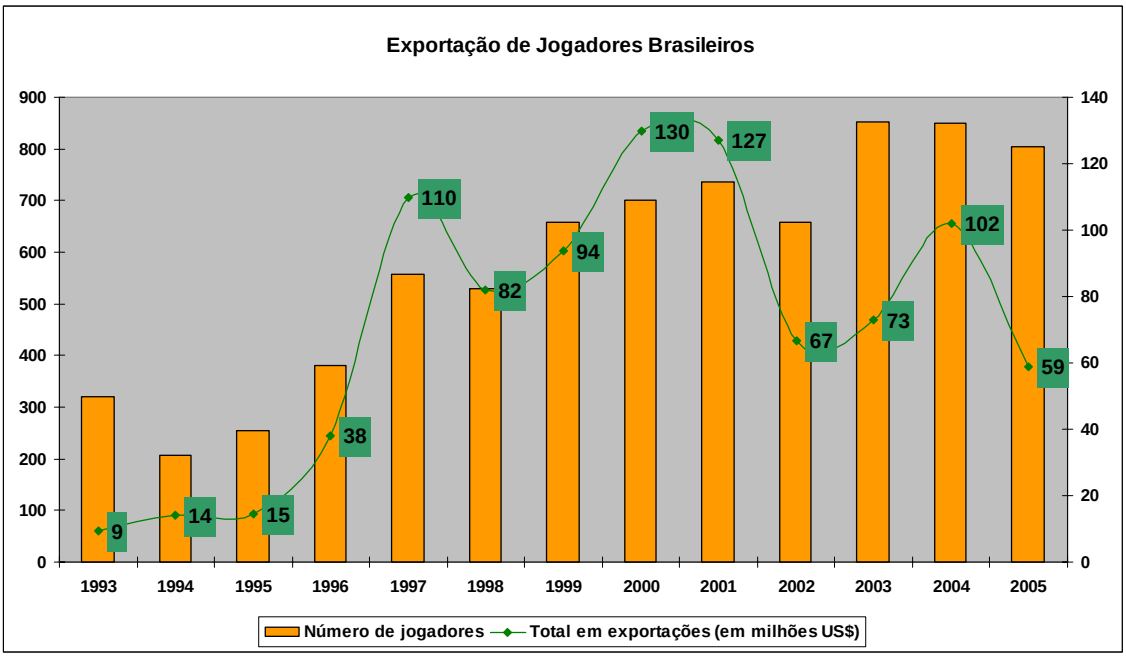
A Seleção Brasileira também funciona como uma bolsa de *commodity* dos jogadores brasileiros. A cada convocação para a equipe nacional, os atletas ficam mais valorizados. É muito comum, logo após um jogador ser chamado duas ou três vezes para a Seleção, que algum clube da Europa compre seu passe. Isso ocorreu com o volante Magrão, do Palmeiras. Foi duas vezes convocado e logo recebeu propostas da Europa, principalmente do FC Moscou. Não quis sair naquele momento, mas pouco depois foi vendido para o Yokohama Marinos, do Japão. Isso também ocorreu com muitos outros jogadores e, curiosamente, a Inglaterra só permite que seus clubes contratem jogadores estrangeiros que já vestiram algumas vezes a camisa da seleção.

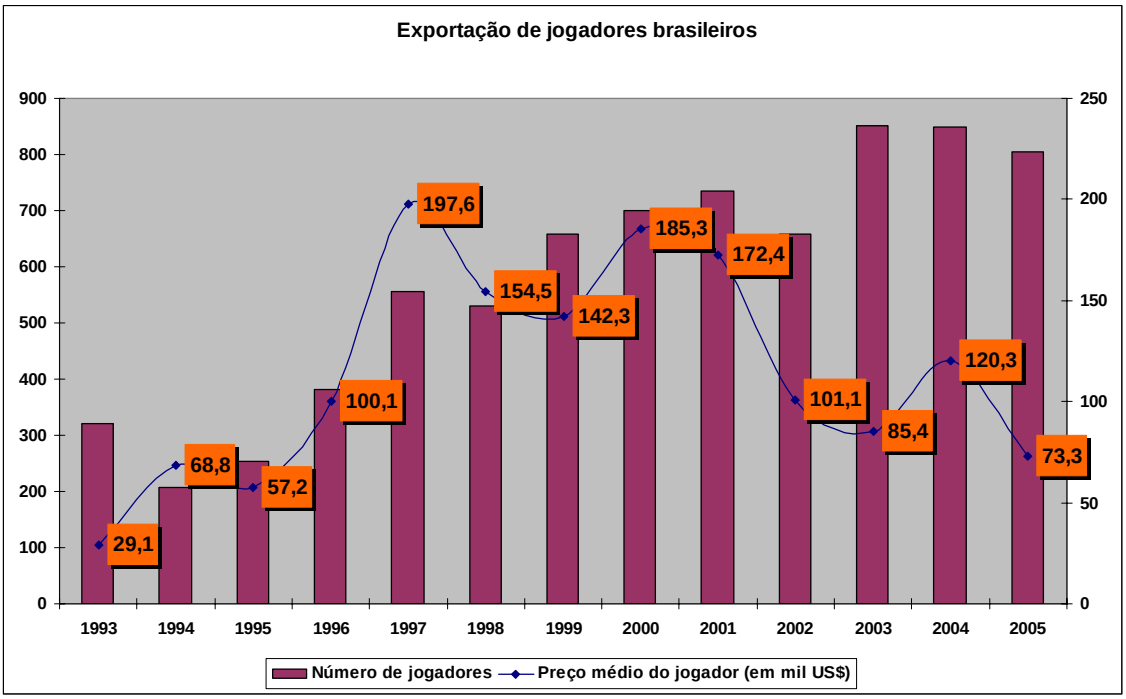
---

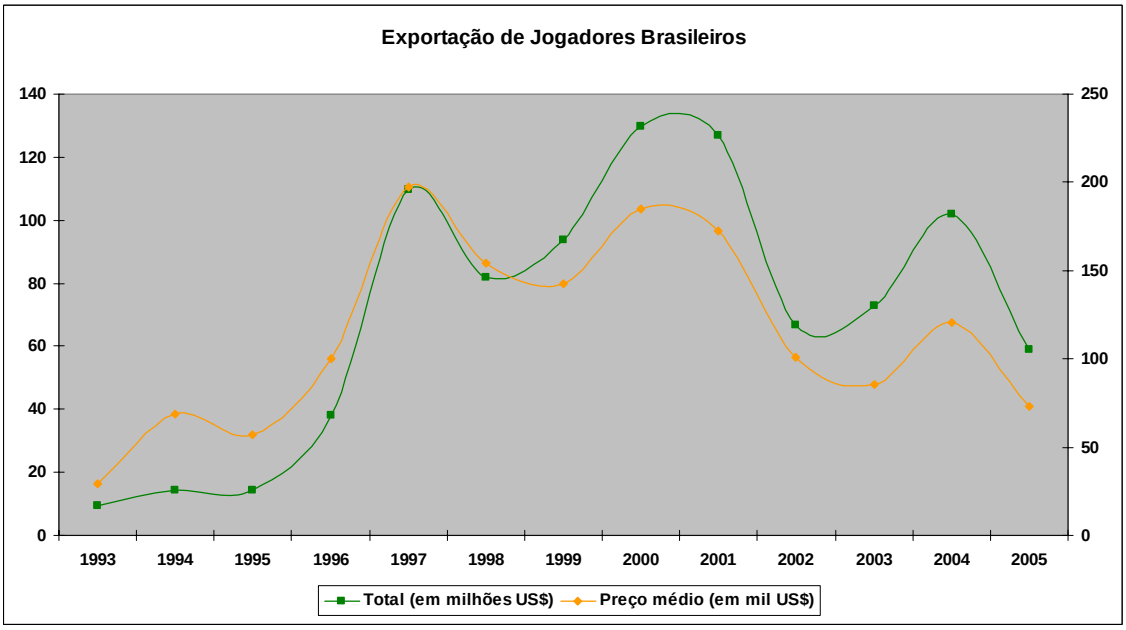
[14] Commodities são títulos referentes a negociações com produtos primários nas bolsas de mercadorias (minérios, ouro, itens agrícolas etc.). Costuma se referir à entrega futura de mercadorias, mas não significa necessariamente que há movimento físico de produtos nas bolsas. O que se negocia são contratos (extraído de http://economiabr.net, em visita no dia 24/6/2006). No futebol, é o que fazem os empresários, procuradores e agentes Fifa. O atleta não irá atuar no time deles, mas eles têm participação na venda, possuem uma porcentagem da quantia movimentada e estão sempre à procura de um destino para suas mercadorias. Muitas vezes negociam um atleta que só irá se transferir no ano seguinte.

Assim, atuar com a camisa amarela do Brasil é um bom trampolim para um ótimo contrato no exterior.

Os treinadores brasileiros costumam usar os amistosos para levar jogadores que podem render dinheiro no futuro. Mas apesar do mercado em expansão, o preço pago diminui a cada ano, numa forma de depreciação já ressaltada anteriormente. Os gráficos abaixo apresentam uma combinação desses dados, colocando conjuntamente os dados referentes à exportação de jogadores, ao preço exportado e ao preço médio que foi pago por cada atleta. Pode-se visualizar o aumento nas exportações, mas também a depreciação do jogador brasileiro, com a diminuição do preço médio pago por cada atleta.




Exportação de jogadores brasileiros
900
800
700
600
500
400
300
200
100
0
250
200
150
100
50
0
29,1
68,8
57,2
100,1
197,6
154,5
142,3
185,3
172,4
101,1
85,4
120,3
73,3
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
Número de jogadores
Preço médio do jogador (em mil US$)


Exportação de Jogadores Brasileiros
140
120
100
80
60
40
20
0
250
200
150
100
50
0
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
Total (em milhões US$)
Preço médio (em mil US$)

2º TEMPO

"Quando a alegria do jogo é substituída pela busca do lucro – e o resultado não é uma honra, mas um investimento industrial –, o futebol fica feio. (...) O fato é que o futebol está agora preso em uma camisa-de-força, aquela que o business e a publicidade determinam em torno de toda atividade humana. Não há saída: o melhor para recuperar a magia do esporte é fechar os olhos"

Antonio Negri

A CBF segue o exemplo da Fifa à risca. Exerce a mesma mão de ferro no futebol brasileiro e adota medidas e regulamentos visando sempre ao próprio interesse – e curiosamente ao benefício estrangeiro. Em 2003, a Confederação Brasileira de Futebol resolveu mudar a fórmula de disputa do Campeonato Brasileiro para o sistema de pontos corridos, que consiste no seguinte: todas as equipes disputam o mesmo número de partidas e no final, quem fizer mais pontos será considerado o campeão. Foi a primeira vez, desde 1971, em que se aplicou esse sistema no Campeonato Brasileiro. Nesse tipo de disputa, não existe mais final ou semifinal. O modelo adotado segue a forma de disputa dos campeonatos nacionais da Europa, como na Inglaterra, Espanha, Itália, França e Alemanha.

Os principais argumentos em defesa desse sistema são as facilidades para se planejar uma equipe e a justiça do resultado final, que premia a equipe com maior regularidade. Em relação ao primeiro aspecto, o campeonato de pontos corridos facilita o planejamento na medida em que todas as equipes já sabem em quantas partidas irão atuar, quando poderão dar férias aos seus jogadores e que não serão eliminadas precocemente do torneio (em 2005, o XV de Campo Bom optou por não disputar a Série C do Campeonato Brasileiro porque poderia ser eliminado logo na primeira fase e aí teria prejuízos enormes e dificuldades para pagar salários para seus atletas no restante do ano em que a equipe estaria sem atividade; entre o certo e o incerto, preferiu não arriscar).

Já o segundo aspecto, fundamental para se entender o campeonato de pontos corridos, diz respeito ao critério do mérito esportivo. Sua forma de disputa premia a equipe mais regular. Ganha a que teve o melhor rendimento durante toda a competição. É o melhor da meritocracia, que vai contra as formas de disputa dos torneios anteriores, quando em um cruzamento do pior classificado com o melhor, o pior poderia eliminar o melhor e se classificar para a fase seguinte (sendo melhor no confronto direto, mas sendo pior no aspecto geral da competição). É a razão sobrepondo-se à emoção.

A escolha dessa forma de disputa tem um caráter de reforçar o capitalismo e suas regras claras. As regras minimizam as injustiças e a fórmula escolhida faz com que essas injustiças não fiquem em evidência. Mas aí vai preponderar a justiça do capital, do dinheiro, do clube rico – o que é mais injusto ainda. A organização e a questão econômica passam a ter um peso maior que a emoção, a paixão, a sorte e a tradição futebolística. É a busca pela eficiência empresarial e pela produtividade no sentido pleno da palavra. É como uma competição de maratona, onde vence o mais resistente.

Em torneios de mata-mata, quando dois times se enfrentam em duas partidas, no campo de cada um, a questão econômica, muitas vezes, não é tão fundamental (mesmo sabendo que existe um plano dominante, normativo e hierárquico e que essas brechas maiores que no outro tipo torneio não significam que o formato de mata-mata não está dentro da mesma lógica). Mas existe uma maior possibilidade do não-previsto, talvez até como uma forma de resistência à hegemonia do capital ditando todas as regras. E isso se deve, provavelmente, à emoção que desperta um confronto deste tipo, aguçando ainda mais a paixão que move o esporte. É só analisar resultados surpreendentes que ocorrem em torneios como a Copa do Brasil, em que times considerados pequenos chegam até as semifinais, finais ou ao título de campeão. O campeonato de pontos corridos segue a lógica da poupança: é um sistema de acúmulo, com produção constante e valorização da regularidade[15]. É quase um “darwinismo esportivo”, segundo o qual só os mais bem preparados sobreviverão. O sistema pune a desorganização e não dá espaço

[15] Discussão travada durante o curso de História Sociocultural do Futebol: Impulso Lúdico, Composição e Significações, no programa de pós-graduação de História na USP, com o professor Flávio de Campos.

para os times pequenos, os mais fracos. Na lógica dessa forma de competição, os times dos locais mais ricos têm mais possibilidades de permanecerem na elite do futebol brasileiro. É a globalização fazendo valer o processo de concentração do dinheiro no futebol, provocando desigualdades que dificilmente podem ser superadas dentro das quatro linhas, com toda sua força devastadora, excluindo e formando periferias da bola.

Em 2003, logo quando surgiu a fórmula de pontos corridos, o campeonato contava com 24 equipes, distribuídas da seguinte maneira, segundo a divisão regional do IBGE: 1 time do Norte, 3 do Nordeste, 1 do Centro-Oeste, 11 do Sudeste e 8 do Sul. Ao final do torneio, dois times do Nordeste foram rebaixados e a melhor colocação de times do norte do País (considerando uma linha imaginária que separe o Brasil em duas partes) foi a do Vitória, que ficou em 16º lugar. Cerca de 79% dos times eram do Sudeste e do Sul, as duas regiões mais ricas do Brasil.

Já em 2004, na segunda edição do Campeonato Brasileiro com pontos corridos, 24 equipes disputaram o título, mas desta vez quatro seriam rebaixadas: Grêmio, Vitória, Guarani e Criciúma foram para a segunda divisão. Na competição, 1 equipe era do Norte, 1 do Nordeste, 1 do Centro-Oeste, 13 do Sudeste e 8 do Sul. Exatamente 87,5% dos times neste campeonato pertenciam à região Sudeste e Sul, uma concentração maior que da competição do ano anterior.

No ano de 2005, 22 equipes disputaram o título nacional, sendo que a composição da primeira divisão era formada por: 1 time do Norte, 1 do Nordeste, 2 do Centro-Oeste, 12 do Sudeste e 6 do Sul. Quase 82% dos participantes da primeira divisão eram das regiões Sul e Sudeste. Mas em 2006 a situação muda. Quatro equipes foram rebaixadas e apenas duas voltaram para a primeira divisão.

O Paysandu, único representante da região Norte na primeira divisão, caiu para a segunda divisão, assim como o Brasiliense, o Atlético-MG e o Coritiba. O Grêmio e o Santa Cruz subiram da Série B para a Série A. Assim, o Campeonato Brasileiro da primeira divisão passou a contar com 20 clubes, sendo 17 deles pertencentes às regiões Sul e Sudeste – Goiás, Fortaleza e Santa Cruz são as exceções. Isso representa 85% da primeira divisão formada pelos times das regiões mais ricas do Brasil: a Sul e Sudeste.

Isso é um fato que não ocorre apenas no Brasil. Tomando-se como exemplo alguns países da Europa, percebe-se que a mesma lógica se aplica na Alemanha e na Itália, países que utilizam a fórmula dos pontos corridos há décadas. Atualmente, não existe nenhuma equipe, na primeira divisão alemã, pertencente à antiga Alemanha Oriental. O Hansa Rostock foi rebaixado na temporada 2004-2005 e está agora na segunda divisão – ele era o último time que ainda restava do tempo do Muro de Berlim e da Alemanha dividida. Já na Itália, o Norte rico possui quase todos os times na primeira divisão de seu principal campeonato. Na temporada 2005-2006, apenas o Messina, o Palermo e o Reggina representavam o Sul, considerado a parte mais pobre do país europeu. Mas esses dois casos serão abordados ainda mais adiante.

Assim, aplicando a ideologia capitalista da acumulação e produtivismo, os campeonatos de pontos corridos concentram clubes das regiões mais ricas nas primeiras divisões dos principais torneios e jogam equipes das regiões mais pobres para as divisões inferiores. Na lógica da globalização, os clubes mais ricos acabam tirando os melhores jogadores dos países mais pobres e, assim, inibem o prazer dos jogadores das periferias nos países mais ricos em jogar, já que o espaço está sendo ocupado pelos jogadores dos países pobres. O fluxo de migração também pode ser comparado, ressaltada as devidas proporções, aos tempos da colonização, quando as metrópoles buscavam matérias-primas nas colônias.

O Brasil, assim como os outros países da América do Sul, acaba mantendo os laços de dependência com a Europa e torna-se uma espécie de colônia em que sua principal matéria-prima no futebol é o jogador. O aumento de atletas que saem do País a cada ano é reflexo de mudanças políticas, boa parte graças à Lei Pelé e ao Campeonato Brasileiro de pontos corridos. “O Campeonato Brasileiro é um campeonato de aspirantes... Aspirantes a jogar na Europa”, costuma dizer o jornalista Paulo Vinícius Coelho.

Ao lado da fórmula de campeonatos de pontos corridos, a Lei Pelé provocou grande impacto no futebol brasileiro, solucionando, por um lado, diversos de seus problemas, inclusive morais e éticos. Mas facilitando, por outro, a saída dos atletas dos clubes.

> "A Lei Pelé foi um baita avanço e acho que não teve nenhuma influência na saída de jogadores. Nada justifica, no final do século XX, que alguém seja propriedade de outra coisa. Era uma lei escravagista"[16].

Só que os números mostram uma sensível mudança no que diz respeito à saída de jogadores do país após a Lei Pelé: em 1998, antes da lei, saíram do Brasil 530 jogadores; no ano seguinte esse número saltou para 658 jogadores; em 2003, já com o Campeonato Brasileiro de pontos corridos, o número chegou a 858 jogadores que deixaram o país para atuar no exterior (ver tabela da página 36).

O grande crescimento da transferência de jogadores entre os clubes começou com uma outra grande mudança, mas no futebol mundial, ocorrida em 1995, na luta isolada do jogador Jean-Marc Bosman contra o clube RFC Liége. O atleta entrou na justiça contra sua antiga equipe por não poder se transferir para outro time. No dia 15 de dezembro de 1995, o Tribunal de Justiça Europeu de Luxemburgo deu o veredicto final a Bosman, declarando ilegais as indenizações por transferência de jogadores e as cotas limitando o número de jogadores da União Européia, sem direito a apelação. A decisão favorável a Bosman mexeu profundamente com todas as estruturas no futebol da Europa.

O imbróglio teve início quando o atleta foi impedido no seu direito de mudar de clube. Bosman chegou ao RFC Liége em maio de 1988. Assinou contrato por dois anos e sua nova equipe havia pagado uma indenização de US$ 65 mil ao antigo clube, o Standard de Liége, onde Bosman começou sua carreira, aos 17 anos (em julho de 1982). Mas, após cumprir o contrato, o RFC Liége ofereceu a Bosman mais um ano de contrato, oferecendo um salário 75% menor. O jogador considerou o ato uma grande desconsideração e acabou sendo colocado na lista de dispensas do clube. A cláusula de indenização girava em torno de US$ 225 mil.

Em julho de 1990, Bosman acertou com o US Dunkerque, da França. Assim, o time tentou o empréstimo do atleta com o RFC Liége por uma

[16] Declaração dada pelo jornalista Juca Kfouri em entrevista concedida em 27/9/2005, durante o curso de História Sociocultural do Futebol: Impulso Lúdico, Composição e Significações, no programa de pós-graduação de História na USP.

temporada, com possibilidade de compra no futuro, mas a equipe francesa não admitiu a cláusula de indenização proposta pelo clube belga. A negociação esfriou, o RFC Liége afastou Bosman e, sem poder trabalhar, o jogador entrou na Justiça. Já em novembro, um tribunal belga permitiu que Bosman jogasse no San Quitin, da terceira divisão francesa. E a situação continuou se arrastando pelos tribunais da Europa.

No ano seguinte, em maio, o Tribunal de Apelação de Liége confirmou a sentença e mandou seu veredicto para o Tribunal de Justiça Europeu, para que fosse julgado de acordo com o Tratado de Roma. Bosman estava livre e poderia ir para outro clube. Mas quando voltou para a Bélgica, em setembro de 1992, o jogador teve dificuldades porque sua imagem estava arranhada. Não conseguiu clube e não tinha direito ao seguro-desemprego. Em maio de 1993 ele passou a atuar no Olympique Charleroi, da terceira divisão belga. No ano seguinte, foi para o Vise, da quarta divisão.

Mas se no futebol ele não conseguia obter muito sucesso, o mesmo não se podia dizer de sua relação com os tribunais. Em março de 1995, a Suprema Corte da Bélgica deu ganho de causa a Bosman, na ação contra a Uefa, Federação Belga de Futebol e RFC Liége. O jogador ainda pedia uma indenização de 700 mil francos por danos e prejuízos com o processo. Seu advogado, Carl Otto Lenz, advertiu o tribunal que aquelas restrições aos atletas iam contra a livre circulação de trabalhadores, que é um direito fundamental na Europa.

Mas os donos do poder, no caso a Fifa, a Uefa e as federações de futebol dos países europeus associadas à Uefa, assinaram uma carta citando as “perigosas conseqüências” que a livre circulação de jogadores traria. Mas o Tribunal de Justiça Europeu deu a vitória para Bosman, sem direito a apelação. Ele estava livre, assim como todos os outros jogadores. E mais: o Tribunal ordenou que a sentença passasse a valer a partir de 1º de março de 1996, sem dar um período de transição. Assim, os clubes não teriam direito a mais nada numa eventual transferência do jogador ao final de seu contrato.

A Uefa tentou o apoio das equipes, depois das federações nacionais, mas nunca conseguiu a unanimidade. Assim, acabou tendo de acatar oficialmente a sentença do Caso Bosman e anulou a regra que limitava a três o número de estrangeiros nos seus times associados. Aquela medida ficou

conhecida como lei Bosman e mudou radicalmente o futebol no período que se seguiu. É uma lei que não tem nada a ver com o esporte, pois trata apenas da garantia dos direitos do cidadão europeu, já que o futebol não poderia ser uma exceção dentro da sociedade européia. Mas modificou completamente a realidade dos clubes, principalmente daqueles que possuem menos dinheiro em caixa.

A sentença do Tribunal de Justiça Europeu, declarando que todo jogador pertencente aos países membros da União Européia poderia atuar em qualquer equipe que fizesse parte da UE sem ser considerado estrangeiro, também acabou com o preço do passe dos jogadores. E desde então alguns clubes faliram, já que não podiam mais contar com o dinheiro das transferências dos jogadores que revelavam. A situação gerou uma bola de neve, com perda de identidade dos times, aumento do preço dos ingressos, elitização dos torcedores, atos de violências racistas e nacionalistas (falaremos disso mais adiante).

PRORROGAÇÃO

"Se não houvesse o futebol, nós teríamos outra coisa. Se não houvesse outra coisa, nós teríamos uma guerra civil a cada dia"

Sócrates

O Diretor-Executivo da UEFA, Lars-Christer Olsson, aproveitou a data de 10 anos da lei Bosman para escrever um editorial na publicação oficial da entidade, a *uefadirect*, abordando algumas conseqüências que, para ele, "chocou o futebol europeu". O artigo foi publicado em 25 de novembro de 2005.

> "De aniversário em aniversário
>
> (...) O ano de 2005 também assinala outro aniversário, respeitante a uma decisão que abalou o futebol europeu: em Dezembro de 1995, o Tribunal de Justiça da União Européia anunciou o seu veredicto no caso Bosman e colocou um ponto final não só no sistema de transferências em vigor naquele momento, mas também no número limite de jogadores estrangeiros. Tudo isto em nome da livre circulação de trabalhadores no seio da União Européia.
>
> O Caso Bosman não está, certamente, na gênese de todos os males que afetam o futebol europeu. Porém, a verdade é que veio obliterar salvaguardas que os responsáveis do futebol haviam estabelecido de forma conscienciosa, nunca com o objetivo de sobrepor o futebol à legislação da União Européia, mas antes com o propósito de preservar a natureza específica do jogo e prevenir a exploração.
>
> Desde então, as transferências de jogadores têm crescido a um ritmo estonteante, sendo que as grandes quantias de dinheiro envolvidas no futebol acentuaram esta tendência, privando gradualmente os clubes da sua própria identidade. Alguns clubes mais astutos tiraram vantagem deste crescimento do mercado para atingir níveis nunca antes alcançados, mas, ainda assim, fazem parte de uma minoria. Em termos gerais, a diferença entre os clubes ricos e os menos abastados

> aumentou, fenômeno esse que se reflete negativamente nas competições, tornando-as menos interessantes.
> Não vale a pena trazer novamente à tona o Caso Bosman, até porque seria uma perda de tempo. Aquilo que é realmente importante é aprender com o passado e com o Caso Bosman, mantendo um diálogo constante com a União Européia, de forma a ser possível convencer os seus líderes da natureza específica do nosso jogo e das questões exigentes que ele enfrenta. Esse diálogo já está em curso, mas é imprescindível que o futebol fale com uma só voz; isto se se pretende que os seus argumentos sejam ouvidos e compreendidos com clareza – como na defesa da formação e proteção dos jovens jogadores. Uma posição unida é uma força de persuasão."

Naquele ano de 1995, o atual campeão europeu era o Ajax, da Holanda, que, no ano seguinte, ainda se classificou para disputar a final da Copa dos Campeões 1995/1996 contra a Juventus, da Itália. Mesmo derrotado na decisão para o time de Turim, o Ajax sofreu um desmanche e não mais se recuperou. Perdeu grandes jogadores para os times italianos. Muitos não quiseram renovar contrato para poderem ir de graça para outras equipes, de acordo com a lei Bosman. Quatro jogadores foram para o Milan, da Itália: Patrick Kluivert, Winston Bogarde, Michael Reiziger e Edgar Davids. Era uma mudança no equilíbrio de poder entre as equipes européias.

As competições seguintes da Copa dos Campeões tiveram vitórias de times da Espanha (Real Madrid três vezes), Alemanha (Borussia Dortmund e Bayern Munique), Inglaterra (Manchester United e Liverpool) e Itália (Milan). Só o Porto, na temporada 2003/2004, conseguiu quebrar a seqüência de títulos dos times mais ricos da Europa. Mesmo assim, todos pertencem ao G-14, o grupo formado pelos clubes mais ricos e mais influentes politicamente da Europa.

O Ajax também faz parte do G-14, mas economicamente acabou deixando a elite dos clubes europeus, por não ter condições de competir financeiramente com os rivais da Itália, Espanha, Alemanha e Inglaterra. Mas o Ajax ainda faz o papel de elite na Holanda, polarizando com o PSV Eindhoven as revelações dos times menores. E faz com as pequenas equipes de seu país

o mesmo que não deseja para ele em seu continente, comprovando como a lógica capitalista atua nas diferentes escalas da mesma maneira.

Esse fato também se revela nas competições nacionais na Europa, que se tornam menos interessantes graças à grande disparidade entre as equipes. E como os principais torneios nacionais são definidos por pontos corridos, vence a equipe que tem melhor estrutura, melhor qualidade técnica, que investiu mais etc. A chance de dar uma “zebra” é praticamente nula, já que a competição privilegia a regularidade durante toda a temporada, nas mais de 34 rodadas do Campeonato Alemão e 38 rodadas dos Campeonatos Italiano, Espanhol, Francês e Inglês.

Um levantamento sobre os últimos campeões de cada país mostra também uma concentração de títulos em um menor número de equipes. Na Inglaterra, entre a temporada 1985/1986 e a temporada 1994/1995, seis equipes diferentes foram campeãs. Depois, entre 1995/1996 e 2004/2005, apenas três equipes levantaram a taça nas 10 temporadas (Manchester United, Arsenal e Chelsea). O Manchester é considerado o clube mais rico do mundo. Está no G-14 junto com o Arsenal. Já o Chelsea foi adquirido pelo bilionário russo Roman Abramovich, que investiu cerca de R$ 1 bilhão para trazer o primeiro título do Campeonato Inglês para o clube londrino após 50 anos de jejum (o outro título havia sido na temporada 1954/55).

Na França existe um equilíbrio entre os dois momentos diferentes: tanto no período de 1985/1986 a 1994/1995 como no de 1995/1996 a 2004/2005, o campeonato nacional contou com cinco campeões diferentes. Na Espanha, o primeiro período foi marcado apenas por dois campeões: Real Madrid e Barcelona. Já no período mais recente, cinco equipes diferentes levantaram a taça – o que requereria um estudo mais aprofundado para explicarem-se as diferenças em relação aos outros países europeus. Mas uma tese aponta para o investimento financeiro em outros clubes, além dos dois mais famosos.

Na Itália, dos 20 clubes que disputam a primeira divisão, cinco foram campeões na década entre 1985/1986 e 1994/1995. Mas nos dez anos seguintes, quatro foram campeões e o torneio mostrou o predomínio das equipes do Norte sobre as do Sul, ou seja, o predomínio do lado mais rico sobre o mais pobre. Em duas temporadas, de 1986/1987 e de 1989/1990, o Napoli levou o *scudetto*. A vitória da equipe de Nápoles, liderada pelo argentino

Diego Armando Maradona, evidenciou as diferenças sociais entre Norte e Sul da Itália e deu o orgulho para uma cidade antes desprezada. O craque também conquistou na equipe a Copa da Uefa, em 1989, e a Supercopa italiana, no ano seguinte.

Mas sua maior conquista foi mudar, mesmo que momentaneamente, as estruturas de poder na Velha Bota. Por isso, os moradores da cidade têm admiração absoluta pelo polêmico jogador e fizeram até um museu na cidade em sua homenagem. Na Copa do Mundo de 1990, quando a Itália enfrentou a Argentina pela semifinal da competição, a partida foi realizada em Nápoles. Maradona aproveitou a imprensa para dizer que o povo local iria torcer para ele e contra a Itália, além de enfatizar a discriminação que os sulistas sofriam. Muitos napolitanos torceram contra sua própria pátria por causa de Maradona, mas a maioria manteve a torcida pela Itália. Só que de qualquer forma a seleção da casa jogou sem intimidade, como se estivesse em um campo de outro país.

Mas, após a fase áurea do Napoli, nenhum time do Sul conseguiu outro título nacional na Itália. Sem um bom time, a cidade de Nápoles voltou a cair no esquecimento e já nem pertence mais à primeira divisão. Assim como tantos outros que já foram protagonistas anteriormente. Das 20 equipes do atual Campeonato Italiano, apenas Messina, Palermo e Reggina representam o Sul. E esse número pode diminuir na próxima temporada. Ao lado disso, nos últimos anos vêm crescendo os atos fascistas e racistas nos estádios. Principalmente das torcidas do Norte do país, como a da Lazio (por duas vezes o jogador Di Canio comemorou um gol com a saudação fascista, com a mão estendida, e foi punido e multado por isso). E por causa da chegada em massa de estrangeiros migrantes, esse problema fica mais evidente. A Fifa está preocupada e tenta tomar medidas duras contra os atos discriminatórios. Pune clubes por causa de seus torcedores e faz diversas campanhas pelo mundo contra o racismo.

> “A Europa também mudou por causa da globalização. Destacadamente, o continente foi inundado por imigrantes. Antes da guerra, judeus e ciganos eram *outsiders* que carregavam o fardo do desprezo da cultura européia pela

> alteridade. A chegada de senegaleses, paquistaneses e chineses não dotou o nacionalismo europeu de uma idéia significativamente mais multiétnica de Estado. Mas difundiu o ódio, de modo que ele não se fixa num único grupo digno de eliminação. Pode-se ver isso com muita clareza no estádio de futebol. O anti-semitismo cru é uma anomalia. A maior parte do ódio presente no futebol agora se concentra nos negros sob a forma de ruídos simiescos e ofensas racistas que emanam de multidões e de atletas" (FOER, 2005: 79).

Na Alemanha, o futebol tem casos de atos racistas por parte dos torcedores e também crescem os movimentos totalitários. Mas no campo de jogo a situação é parecida com a da Itália e Inglaterra. Entre 1985/1986 e 1994/1995, cinco clubes conquistaram o campeonato nacional nas 10 temporadas. Já de 1995/1996 a 2004/2005, apenas quatro times ganharam o principal troféu no país. Para complicar, 2005 marcou a queda do último time da antiga Alemanha Oriental. Pela primeira vez em 15 anos, a Bundesliga não contou com representantes do Leste do país. Na temporada 2004/2005, o Hansa Rostock foi rebaixado para a segunda divisão.

Logo após a reunificação das Alemanhas, em 1991, o Hansa Rostock e o Dínamo Dresden foram integrados à Bundesliga. Eles haviam sido campeão e vice daquele ano na Alemanha Oriental. Observando-se a segunda divisão do Campeonato Alemão, nota-se que o reflexo do dinheiro é o mesmo. Em 1991, seis clubes orientais disputavam o torneio. Atualmente restam apenas quatro representantes do "lado mais pobre" do país. O abismo entre o futebol jogado no leste e oeste aumentou.

As diferenças entre os dois lados aparecem também quando se analisa o futebol, pois a desigualdade se agravou após a queda do Muro de Berlim, em 1989. Um êxodo em massa dos jogadores do leste para o oeste provocou a falência de muitos clubes orientais. "Times como o Dínamo Berlim (vencedor de 44 títulos nacionais da República Democrática Alemã – RDA), Dínamo Dresden, Magdeburg, Carl Zeiss Iena, Lokomotiv Leipzig, Hansa Rostock, União Berlim e Chemnitz eram potências do futebol do bloco socialista", diz

uma reportagem da Deutsche Welle[17]. Aquelas equipes que tinham como ponto forte a preparação física forneceram jogadores para os clubes do oeste e hoje não pertencem mais à elite do futebol alemão.

Os problemas econômicos fizeram com que as equipes do leste entrassem em decadência. Estima-se que cerca de 500 atletas migraram para o oeste. E dentre esses jogadores estavam craques como Mathias Sammer, Ulf Kirsten, Jens Jeremies, Carsten Janker, Alexander Zikler e outros, que logo se integraram à seleção alemã unificada. Atualmente, o principal jogador da Alemanha, o meio-campista Michael Ballack, é do lado leste do país – mas nas entrevistas prefere omitir esse fato. Nasceu no lado mais pobre para brilhar no Bayern de Munique, principal clube do lado mais rico, e acaba de se transferir para o Chelsea, clube rico de Londres.

A Federação Alemã de Futebol tentou um projeto para reconstruir o futebol no leste do país. Contou com o apoio de ex-jogadores e facilitou a ascensão de equipes amadoras às divisões profissionais. Mas, com receio das reclamações dos times ocidentais, evita dar um suporte financeiro aos clubes do leste. Mesmo assim, a ausência de times do leste na primeira divisão alemã é motivo de preocupação de dirigentes, que não querem que o futebol manche o "sucesso" da unificação. Tanto que Franz Beckenbauer, ex-jogador e presidente do Comitê Organizador da Copa do Mundo de 2006, sugeriu que se aumentasse para 20 o número de clubes da primeira divisão (atualmente são 18). A idéia era dar uma chance para duas equipes orientais. Mas a proposta foi rechaçada e dificilmente será aceita.

E para a disputa da Copa do Mundo na Alemanha, das 12 cidades-sede, apenas uma se encontra em território que pertencia à antiga Alemanha Oriental: Leipzig. Curiosamente, até o estádio Olímpico de Berlim, onde será realizada a final, fica no lado oeste. Dessa forma, o futebol só realça as diferenças históricas e ajuda a aprofundar as desigualdades que existem em todos os setores da sociedade alemã, mostrando que o futebol jogado nos dois lados de seu território é semelhante ao modo de vida do Leste e do Oeste.

Uma recente medida da Federação Alemã de Futebol e da Liga Alemã de Clube também irá provocar fortes mudanças. De mãos dadas com a

[17] A matéria foi publicada no dia 20/11/2005 e tem como título "A Alemanha prepara a Copa da reunificação".

globalização, as entidades chegaram ao consenso de derrubar o limite de jogadores estrangeiros, tanto das equipes da primeira quanto da segunda divisão. Assim, os times podem escalar quantos jogadores não-comunitários (que não são da União Européia) quiserem, ou seja, entrar em campo com uma equipe totalmente estrangeira e deixar os atletas de seu próprio país no banco de reservas. A única norma estabelecida foi a de que cada equipe deve ter, pelo menos, 12 jogadores nascidos em território nacional em seu elenco.

A iniciativa também se junta ao cumprimento de uma determinação tirada no Congresso da Uefa em abril de 2005, de que a partir da temporada 2006/2007 cada clube deverá reservar dois lugares no elenco para atletas formados em suas categorias de base. O número saltará, gradativamente, para quatro atletas, a partir de 2008/2009, além de outros quatro formados por clubes do mesmo país. Mas a medida que tentaria privilegiar o mercado local, as escolas nacionais e evitar a importação de atletas acabou dando um tiro pela culatra.

Além dos jogadores já formados ou que estão deixando o amadorismo para se profissionalizar, os grandes clubes estão tentando burlar a medida contratando crianças, que são transformadas em mercadoria e negociadas pela família com olheiros dessas equipes. A gota d'água foi a tentativa do Chelsea de contratar Christian Ponde, um português de 10 anos, filho de romenos[18]. Mas, contrariando a regra, o garoto esperneou e não aceitou os dólares e euros que seriam despejados em sua casa. Disse que queria jogar no Sporting, seu time de coração. E conseguiu evitar a precoce transferência.

Mas o fato exposto costuma ser exceção. Todos os anos, dezenas de crianças são distanciadas de suas raízes e cultura. Em 2005, o Valencia contratou o austríaco Nikon Jevtic, de 11 anos. O Barcelona recebeu o argentino Erik Lamela, de 12 anos, que também era cobiçado por outros clubes da Itália e Inglaterra. O salário do menino é de 120 mil euros por ano. O jovem Lionel Messi já havia traçado o mesmo caminho para o clube catalão.

Aqui mesmo no Brasil, recentemente, o menino Jean Carlos Chera, de 9 anos, fez sucesso com uma fita que mostrava suas belas jogadas. Apesar do

[18] Informação publicada no site do Clube dos 13 (http://clubedostreze.globo.com) com acesso em 1º/5/2005. É baseada em um texto dos jornalistas Markus Kotter e Jens Anker, que foi publicado no jornal Welt am Sonntag, a edição dominical do jornal Die Welt, da Alemanha.

assédio do Manchester United e do Porto, os pais do garoto acabaram conseguindo colocá-lo no Santos. Mas logo ele deverá ser um produto brasileiro de exportação. Um dos principais fatores apontados por essa mudança de comportamento dos grandes clubes europeus foi a nova determinação da Uefa. A entidade que rege o futebol na Europa decidiu que, até 2008, oito jogadores de uma equipe profissional devem ter, pelo menos, três anos de formação no próprio clube. Na realidade, a idéia era incentivar o futebol de base de cada país, mas a medida acabou indo para o sentido oposto.

E para burlar as regras da Fifa – que em seu estatuto proíbe transferências internacionais de jogadores menores de idade –, os clubes oferecem empregos para a família dos pequenos craques. Assim, não fica caracterizada a contratação de jogador e os times podem justificar a transferência da família para o novo país por causa do novo trabalho. Roman Abramovich, dono do Chelsea, da Inglaterra, também entrou nesse agressivo mercado. Ele contratou, no final de 2005, Slobodan Rajkovic, de apenas 16 anos. Pagou 5 milhões de euros pelo zagueiro, mas ele só irá para o Chelsea em 2007. Essa nova era terá efeitos nocivos para muitas crianças, pois elas são encaminhadas muito cedo para uma profissionalização (sendo que a maioria desses garotos vem de países pobres), e as entidades que regem o futebol mundial já estão preocupadas com os rumos que tudo isso tomou.

GOL

"Meu destino era amar o futebol. Amei-o. Desde criancinha, quando espiava da lonjura da janela a bola que dançava no capim do clube aldeão. Até hoje, não é o perfume de* aubépine *ou de qualquer outra planta altiva que me proustianiza; é o aroma rasteiro da grama que me espacia"

Paulo Mendes Campos

A Fifa sendo uma corporação e o jogador uma mercadoria, independentemente da idade que ele tenha, dá um caráter mercantil ao futebol. Raoul Vaneigem coloca que "a economia faz o homem à imagem da mercadoria" (Apud DAMIANI, 2005: 72). Mas o processo se desenvolve também porque uma mercadoria não pode ficar parada. E tudo isso, em tempos de globalização, aumenta ainda mais as diferenças entre os países, entre os jogadores, entre as cidades e entre o futebol jogado. A desigualdade é gritante e isso tem implicações nas relações dentro do futebol, como explica Amélia Luisa Damiani:

> "Verifica-se a intensificação de assimetrias entre países que centralizam essa economia, que se financeiriza, e aqueles que, de modo precário, dela fazem parte, sendo que a América Latina e a África compõem preferencialmente esses grupos de países – lembrando que esta economia tem circuito mundial, mas seleciona espaços de mercado privilegiados o tempo todo –, portanto há uma crescente desigualdade, considerando a globalização e a integração produtiva, comercial e financeira" (2005: 72).

Se a Fifa distribui o poder desigualmente entre as diversas partes do mundo, e o capital também escolhe quais lugares deverá explorar e quais ficarão com os dividendos, a tendência é que se agravem as desigualdades no futebol: entre clubes, entre países e entre regiões. O presente trabalho mostrou

porque o Brasil, e a América do Sul como um todo, podem ser os donos da bola, mas não são os donos da quadra, como os europeus. À Conmebol resta articular a periferia do mundo enquanto a Uefa controla o dinheiro do esporte planetário. E este é o grande dilema do Brasil, que é uma grande potência com as bolas nos pés, mas não desenvolve a geopolítica do futebol, ou seja, não possui uma centralidade correspondente ao futebol que desempenha.

O Brasil bem que tentou em alguns momentos de sua história usar a Seleção Brasileira de forma diplomática, importando a geopolítica do futebol que a Fifa desempenha tão bem enquanto corporação. Como no amistoso contra o Haiti, em 18 de agosto de 2004. A partida foi chamada de "Jogo da Paz" e, naquelas poucas horas em que a equipe de Carlos Alberto Parreira esteve no país da América Central, pôde-se perceber a intenção do governo brasileiro e o impacto que causou os craques nacionais naquele pequeno país. O resultado de 6 a 0 foi o de menor importância, já que o saldo positivo da diplomacia brasileira foi sentido em todo mundo, em reportagens de jornais, revistas, depoimentos favoráveis e até um documentário de Caíto Ortiz e João Dornelas. Mas após a partida o Brasil foi embora, a guerra prosseguiu e a pobreza não diminuiu. De qualquer forma este caso ilustra bem a geopolítica do futebol.

Essa espécie de "Divisão Internacional do Trabalho" no futebol, onde cada associação ou região desempenha um papel diferente, pode ser comparada com a disputa de blocos econômicos. O Mercado Comum Europeu está para o Mercosul da mesma forma que a Uefa está para a Conmebol. Este trabalho apresentou os fluxos do futebol no território e expôs o futebol como fenômeno mundial e elemento do poder mundial. Mas o esporte se espacializa, só que o poder é volátil e tenta abarcar o mundo, sem definir as fronteiras de sua atuação. No caso brasileiro, é o Clube dos 13 que faz o papel de protagonista (junto com a CBF), representando os interesses do capital estrangeiro – neste caso, formado pelos clubes pertencentes ao G-14.

Outro ponto a se destacar dentro dessa pesquisa é o futebol enquanto negócio. As ações políticas são voltadas para transformá-lo em capital e, dessa forma, a globalização é contra o futebol: ela aniquila as escolas nacionais, por causa da grande circulação de atletas de diferentes nacionalidades, esvazia as periferias de jogadores e os concentra em clubes transnacionais. É uma

tendência que se mostra implacável. A exportação de jogadores faz o futebol crescer como negócio na Europa, porém esvazia o futebol como sociabilidade no Brasil – em grande parte pelo aumento da quantidade de transmissões de jogos por canais de televisão. É só ver o número cada vez menor de torcedores nos estádios de futebol, fato que preocupa as entidades que regem o esporte no País. Além disso, a competição nacional de pontos corridos colabora com esse esvaziamento. E mais: concentra regionalmente (a competição fica cada vez menos nacional) e quebra a rivalidade, pois transforma grandes times em pequenos, rebaixando-os para a segunda divisão e colocando na elite futebolística equipes com pouca ou nenhuma tradição.

> "O processo do capital é concentrador: de trabalhadores, de mercados, de mercadorias, de dinheiro, de finanças, de fluxos do capital, de signos; da força de trabalho como potência" (DAMIANI, 2005: 79).

Mas para o Clube dos 13, os rumos que o futebol vem tomando estão certos. A entidade considera os últimos anos do futebol brasileiro um exemplo a ser seguido e não entende o processo do capital como concentrador. Em artigo do presidente Fábio Koff, ele diz: "O futebol brasileiro está concluindo um período de três anos que pode ser considerado o mais produtivo da sua busca histórica por melhor organização e interação com o seu consumidor". E ele até assume a média de 14 mil pagantes no Campeonato Brasileiro de 2005 como sinal de sucesso, apresentado dados que mostram que as cotas de televisão correspondem a mais de 78% das receitas dos clubes, contra menos de 16% da renda de bilheterias dos jogos do campeonato.

A lógica do capital agrada aos dirigentes brasileiros, que buscam mais dinheiro a qualquer preço. E apóiam uma outra lógica perversa:

> "Ao sul do mundo, este é o itinerário do jogador com boas pernas e boa sorte: de seu povoado passa para uma cidade do interior; da cidade do interior passa a um time pequeno da capital do país; na capital, o time pequeno não tem outra solução senão vendê-lo a um time grande; o time grande,

> asfixiado pelas dívidas, vende-o a um outro time maior de um país maior; e finalmente o jogador coroa sua carreira na Europa.
>
> Nesta corrente, os clubes, os donos do passe e os intermediários ficam com a parte do leão. E cada elo confirma e perpetua a desigualdade entre as partes, do desamparo dos times de bairro nos países pobres até a onipotência das sociedades anônimas que administram na Europa o negócio do futebol em nível mais alto" (GALEANO, 2002: 239).

O Clube dos 13 aceita a missão de colaborar para fornecer jogador para a Europa. É desse negócio que vem o dinheiro para investir nas categorias de base, formar mais jogadores e mandar para o exterior. Para finalizar, a intenção deste trabalho foi construir o conceito de geopolítica do futebol e discutir o esporte no âmbito da Geografia, abordando o processo de mercantilização e globalização que o influencia. Ainda há muito que se pensar e se analisar e não se pode abarcar toda a complexidade do futebol em uma monografia. Mas o primeiro passo foi dado para que se possa discutir o futebol dentro da Ciência Geográfica.

LISTA DE CONVOCADOS

BRUNI, José Carlos. Apresentação. Revista USP, São Paulo (dossiê futebol), num 22, jun/jul/ago de 1994.

CAMPOS, Paulo Mendes; PINHEIRO, Flavio (org.). O gol é necessário: crônicas esportivas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CASTRO, Josué de. Geopolítica da Fome. São Paulo: Brasiliense, 1965.

CORRÊA, Roberto Lobato. Corporação e Espaço – Uma Nota. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, volume 53, nº 1, janeiro/março 1991.

COSTA, Wanderley Messias da. Geografia Política e Geopolítica. Tese de Doutorado, São Paulo, 1990.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio: Notas em Torno do Significado Social do Futebol Brasileiro. Revista USP, São Paulo (dossiê futebol), num 22, jun/jul/ago de 1994.

DAMIANI, Amélia Luisa. A Geografia que Desejamos. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, Seção São Paulo – Associação dos Geógrafos Brasileiros, nº 83, dezembro de 2005.

DAMO, Arlei Sander. Do Dom à Profissão. Uma Etnografia do Futebol de Espetáculo a Partir da Formação de Jogadores no Brasil e na França. Trabalho de Pós-Graduação, Porto Alegre, 2005

DEBORD, Guy. Sociedade do Espetáculo. Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOER, Franklin. Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GALEANO, Eduardo. Futebol ao Sol e à Sombra. Porto Alegre: L&PM Editores, 2002.

HOLANDA, Aurélio Buarque. Dicionário Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

MAGNOLI, Demétrio. O que é geopolítica. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

MARX, Carlos. El Capital: Crítica de la Economía Política. México: Fondo de Cultura Económica, 1946.

MASCARENHAS, Gilmar. A bola nas Redes: Futebol, Território e Conectividade no Brasil. Trabalho de Pós-Graduação, Rio de Janeiro, 1999.

MASCARENHAS, Gilmar. Considerações teórico-metodológicas sobre a Difusão Espacial do Futebol. Geo UERJ, Revista do Departamento de Geografia, UERJ, Rio de Janeiro, número 10, 2º semestre de 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. O corpo e a cidade: a epidemia da febre esportiva no Rio de Janeiro (1890-1920). Geo UERJ, Revista do Departamento de Geografia, UERJ, Rio de Janeiro, número 5, 1º semestre de 1999.

MAURICIO, Ivan (org.). 90 minutos de sabedoria – a filosofia do futebol em frases inesquecíveis. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (orgs.). Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial – Arquivo do Estado, 1982.

PASOLINI, Pier Paolo. O gol fatal. Folha de S. Paulo, São Paulo, 6 mar. 2005. Caderno Mais!, pag. 4.

RITUERTO, R. M. de. Uefa acusa grandes clubes de roubar pequenos. El Pais, 14/12/2005.

VESENTINI, José William. Imperialismo e Geopolítica Global. São Paulo: Papirus, 1990.

VESENTINI, José William. Novas Geopolíticas. São Paulo: Contexto, 2003.

VIVES, Jaime Vicens. Tratado General de Geopolítica. Barcelona: Editorial Teide, 1950.